



**Pró-Reitoria Acadêmica
Escola de Educação, Tecnologia e Comunicação
Curso de Jornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso**

SALTO ALTO NO TELEJORNALISMO DA TV GLOBO

**Autora: Bárbara Geovanna Vasques Xavier Silva
Orientadora: Profa. Dra. Sheila da Costa Oliveira**

**Brasília - DF
2017**

BÁRBARA GEOVANNA VASQUES XAVIER SILVA

SALTO ALTO NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO DA TV GLOBO

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à disciplina de Projeto Experimental em Jornalismo II do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Católica de Brasília em cumprimento parcial às exigências para obtenção do diploma de graduação.

Orientadora: Profa. Dra. Sheila da Costa Oliveira

Brasília

2017

Dedico esse trabalho à minha mãe, que sempre apoiou minha vida acadêmica e viveu comigo todas as angústias e alegrias durante todo o curso, à minha orientadora, por ter me apoiado durante todo o tempo, e às minhas colegas de turma, que dividiram comigo os momentos mais importantes dessa caminhada.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente à Deus pela oportunidade de cursar o ensino superior e por ter me auxiliado a ter discernimento e tranquilidade nos momentos necessários. Hoje vejo um filme passar pela minha cabeça e o roteiro é um misto de comédia, drama, suspense e várias sensações resultantes das oscilações vividas nos últimos quatro anos.

Agora consigo enxergar o quanto tudo valeu à pena, sempre vale. Não há nada que não possa ser superado, principalmente quando não estamos sós. Ao meu lado, tive minha mãe o tempo todo. Uma mulher forte que sempre acreditou mais em mim do que eu mesma e só posso agradecer o apoio que recebo na vida.

Felizmente, sempre tive referências fortes e minha avó é mais uma delas. Arrisco dizer que ninguém ficou tão feliz quando ingressei na universidade. Ela também foi um auxílio fundamental em vários momentos. Também não posso deixar de agradecer tudo o que meu primo, Gabriel Vasconcellos, fez por mim nessa reta final.

À minha orientadora, Sheila Costa, agradeço pela paciência e pela contribuição que teve em toda minha caminhada acadêmica. E, por falar em caminhada, preciso agradecer imensamente os três grandes presentes que a universidade me deu. Bruna Andrade, Marina Raissa e Thaís Miranda, mais que colegas de curso se tornaram amigas e a nossa parceria me ajudou a enfrentar os momentos mais difíceis da faculdade. Com certeza, não teria conseguido sem elas.

Estendo esse agradecimento a todas as pessoas que passaram pela minha vida e contribuíram de alguma forma para que eu seja assim hoje. Desde docentes, colegas, amigos e familiares. Sou grata por tudo o que vivi e pela oportunidade de encerrar mais um ciclo da minha vida.

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”.

(José de Alencar)

RESUMO

Referência: SILVA, Bárbara Geovanna Vasques Xavier. **Salto alto no telejornalismo esportivo da TV Globo**. 2017. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2017.

O trabalho é uma análise do cenário esportivo destinado à profissional de comunicação que escolheu falar sobre esporte, mesmo sendo um ambiente historicamente apontado como masculino. Com base no histórico do espaço destinado para a mulher na sociedade, o objetivo é observar e compreender de que maneira a figura feminina está inserida no segmento de esporte televisivo do mercado de trabalho, bem como as conquistas, a postura adotada pela mulher nesse meio e a possível existência de limitações. Os programas esportivos Esporte Espetacular e Globo Esporte–DF, ambos da Rede Globo de Televisão, foram escolhidos como objetos de estudo nessa monografia, com o intuito de responder aos principais questionamentos sobre a presença feminina no telejornalismo esportivo da emissora, a fim de identificar qual é o espaço ocupado pela mulher na pauta esportiva televisiva da Rede Globo. Para isso, além dos programas, foram analisadas as posturas das jornalistas Fernanda Gentil e Viviane Costa, que apresentam as atrações.

Palavras-chave: Gênero. Mulher. Esporte televisivo. Jornalista. Jornalismo esportivo. Rede Globo.

ABSTRACT

This job is an analysis of the sporting scenario destined to communication professional that choose talking about sport, even though it is environment historically referred to as masculine. Based at the historic of destined space to women in society, the objective is to observe and understand how the female figure is inserted in the TV sport segment of the labour market, as well as, the achievements, the posture adopted by the women in this environment and a possible existence of limitations. The sports programs "Esporte Espetacular" and "Globo Esporte-DF", both from "Rede Globo" television, were choice as objects of study in this course conclusion monograph with intention to respond the main issues about the presence of the woman in sport news TV, in order to identify which is the space is occupied by the women in sport television agenda from Rede Globo. For this, besides these programs, were analysed the postures of journalists: Fernanda Gentil and Viviane Costa, who present the attractions.

Key-words: Gender. Woman. Television sport. Journalist. Sport journalism. Rede Globo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Jornalistas brasileiros por sexo (2012)	30
Gráfico 2 - Jornalistas brasileiros com renda inferior e superior a 5 salários mínimos, por sexo (2012)	30
Gráfico 3 – Percentual de gênero no audiovisual brasileiro (2016)	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. TEMA, ASSUNTO E PROBLEMA	10
1.2. JUSTIFICATIVA	11
1.3. OBJETIVOS	13
1.3.1. Objetivo geral	13
1.3.2. Objetivos específicos	13
1.4. REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.5. METODOLOGIA	15
2. CAPÍTULO I – GÊNERO FEMININO NA HISTÓRIA	18
2.1. MULHERES NO BRASIL ATUAL	21
3. CAPÍTULO II – O ESPAÇO PROFISSIONAL DAS MULHERES	24
3.1. MULHERES NO ESPORTE	26
3.2. MULHERES NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	30
4. CAPÍTULO III – O GÊNERO FEMININO NA TELA	34
4.1. MULHER NA TV	35
4.2. REDE GLOBO	37
4.3. O ESPORTE TELEVISIVO DA EMISSORA	38
4.3.1. Esporte Espetacular	40
4.3.2. Globo Esporte	41
5. ANÁLISE DE DISCURSO APRESENTADO NOS DOIS PROGRAMAS	43
5.1. O PODER DE PENETRAÇÃO DO DISCURSO INSTITUCIONAL DA REDE GLOBO COMO UM TODO	43
5.2. O GÊNERO COMO ELEMENTO DISCURSIVO NA GRADE DE PROGRAMAÇÃO	44
5.3. O DISCURSO MIDIÁTICO DOS PROGRAMAS ESCOLHIDOS	45
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	55
ANEXO A	60
ANEXO B	61

1. INTRODUÇÃO

1.1. TEMA, ASSUNTO E PROBLEMA

O espaço ocupado pela mulher na sociedade é uma discussão antiga e a falta de espaço no mercado de trabalho para o gênero feminino ainda é um grande desafio para as mulheres. Mesmo com o lugar conquistado merecidamente por elas nos diversos setores, muitas pessoas ainda possuem certa resistência sobre a presença feminina em determinados contextos.

As grandes esportistas, campeãs mundiais, olímpicas ou paralímpicas que conhecemos hoje são reflexos de um longo e árduo caminho percorrido por todas as mulheres que um dia pensaram em se aventurar no esporte. Mas, não foram apenas as esportistas que precisaram lutar com veemência para conquistar espaço nas competições. Para a profissional que fala sobre esporte também não foi fácil entrar para o mundo esportivo.

Mesmo com a mulher conquistando o direito ao trabalho no século XX, ainda existem muitos obstáculos nos dias atuais, sendo o preconceito o maior deles. No meio esportivo e, principalmente futebolístico, que culturalmente é um território predominantemente masculino, a mulher é vista muitas vezes como uma figura incapaz de ocupar tal lugar.

Felizmente, a questão de gênero é um assunto cada vez mais atual. Apesar da desigualdade entre os espaços oferecidos para os homens e mulheres sempre existindo, a discussão em torno do assunto nunca foi tão forte.

De acordo com o site *Huffpost Brasil*, a sondagem Ibope, encomendada pela instituição *Católicas pelo Direito de Decidir* e realizada em 2017, aponta que 84% das pessoas apoiam as discussões sobre gênero nas escolas.

Contudo, a participação da mulher na cobertura esportiva ainda é um assunto com pouca bibliografia, mas que desperta interesse a partir do momento em que a visibilidade é dada a isso, mesmo que o espaço não seja destinado a esse tema na parcela adequada.

O mercado mudou e hoje a participação feminina na imprensa esportiva que, segundo Coelho (2003), se deu apenas a partir da década de 70, está cada vez maior e mais ativa. Com os Jogos Olímpicos 2016, realizado no Rio de Janeiro, foi possível

observar um número significativo de repórteres mulheres que estiveram presentes na cobertura do evento, principalmente na Rede Globo de Televisão, que é a maior e mais influente emissora do país, e objeto de análise desse trabalho.

Mas, o jornalismo esportivo não é feito apenas de grandes eventos e está nas telas diariamente. Por isso, surgem as mais diversas dúvidas sobre o espaço ocupado pela mulher e a sua liberdade de trabalho em meio a esse cenário que, por séculos, foi ocupado de maneira predominante pela figura masculina.

A motivação para falar sobre a temática surge também de interesses pessoais por esse ramo do jornalismo no mercado de trabalho, mas, principalmente, pela vontade de compreender os avanços e conquistas das mulheres nos últimos anos, já que a TV é um dos meios de comunicação que atinge um maior número de lares brasileiros e possui alta influência sobre o pensamento de grande parte da sociedade.

1.2. JUSTIFICATIVA

A frase “mulher não entende nada de esporte” é corriqueira, não só entre os torcedores, mas também entre os profissionais do esporte. Um dos casos mais famosos sobre esse tipo de preconceito aconteceu em 1986, envolvendo dois nomes conhecidos da área.

De um lado, a pioneira no meio esportivo, Regiani Ritter, e do outro Milton Neves. Ritter ouviu Milton Neves pronunciar essa famosa frase e menosprezar um comentário feito por ela. Em entrevista concedida ao Uol esportes, em 2013, a jornalista contou que, além da humilhação, ficou revoltada ao ouvir o comentarista repetir as mesmas palavras como se fosse um comentário dele pouco tempo depois.

Quando questionado, apenas se desculpou pelo “mal-entendido”. A frase, quando dita por uma mulher, foi vista como um absurdo, mas ao ser repetida pelo sexo oposto começou a ser tratada como uma grande verdade. Essa é uma das poucas situações que reforçam a percepção de que a mulher sempre foi colocada em um lugar inferior nessa profissão.

Para Bourdieu (2002), a dominação masculina é uma violência simbólica, insensível e invisível sobre as vítimas. Partindo desse pressuposto, é importante

pensar que o espaço oferecido à jornalista no esporte é ainda menor do que em outras editorias.

De acordo com a pesquisa “Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país” divulgada, em 2013, pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), as mulheres representam 64% dos profissionais. Mas, mesmo sendo maioria nas redações, aparentemente a mulher ainda é minoria nas editorias de esporte.

A influência masculina dominante na realização do produto impede, em muitas situações, a inserção da identidade feminina ao determinar um possível estereótipo, que faz com que a violência simbólica continue presente. Muito é falado sobre o crescimento da mulher no âmbito profissional, mas é preciso discutir também quais são as limitações impostas a ela.

O tema ainda possui um baixo número de bibliografia, resultando em uma exploração um tanto quanto comedida, já que essa escassez faz com que a pesquisa seja um pouco mais complicada. O número de monografias e artigos sobre a temática, mesmo que ainda pequeno, é o principal contribuinte para a execução desse trabalho se comparado ao baixo índice de livros, sites e relatórios que abordam especificamente a ocupação da mulher no cenário esportivo.

Ao todo, foram utilizadas cinco trabalhos entre monografias e artigos que abordam a participação feminina no telejornalismo esportivo. Os livros utilizados, tratam de questões históricas e discussão de gênero, mas apenas um fala diretamente sobre o assunto escolhido para análise.

No entanto, as demais referências surgem de um blog, das pesquisas que analisam o mercado de trabalho para jornalistas e de algumas matérias isoladas sobre as conquistas femininas nesse âmbito e também no meio esportivo. Por esse motivo, a maioria das informações presentes no trabalho foi encontrada em artigos e monografias de vários estudiosos que também escolheram pesquisar sobre o espaço ocupado pela mulher na sociedade, no mercado de trabalho e no esporte.

Apesar de não ter sido dada tanta visibilidade ao assunto, a relação da mulher nesse contexto gera interesse. O advento do feminismo, a presença mais assídua da

mulher em frente às telas e a intensificação das discussões de gênero fazem com que seja cada vez mais necessário debater essas questões.

A escolha de estudar a representatividade feminina nesse âmbito através do telejornalismo esportivo da Rede Globo de Televisão surge da importância da emissora no cenário social. A Globo possui uma história marcada pelo grande alcance de público e, conseqüentemente, pela interferência no pensamento da grande massa que é telespectadora dos conteúdos por ela produzidos.

Portanto, observar os programas esportivos *Esporte Espetacular* e *Globo Esporte-DF*, ambos com grandes audiências, é uma oportunidade para analisar atentamente a participação da mulher na programação esportiva da emissora ao longo dos anos. Para responder as questões levantadas, é importante perceber até que ponto a liberdade opinativa defendida pelo jornalismo é oferecida à mulher que resolve atuar nessa área.

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo geral

Tomando como base empírica dois programas esportivos da TV Globo, o principal objetivo do trabalho é identificar qual o espaço que a mulher ocupa nesse ambiente como profissional de mercado.

1.3.2. Objetivos específicos

Após determinação do objetivo geral, são estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar o programa Globo Esporte DF, que é exibido diariamente.
- b) Analisar, em três períodos, o programa Esporte Espetacular, que tem periodicidade semanal.

- c) Observar a atuação das profissionais Fernanda Gentil e Viviane Costa, atuais apresentadoras.

- d) Identificar qual é e como o espaço é ocupado pela mulher na pauta esportiva televisiva da Rede Globo de Televisão.

1.4. REFERENCIAL TEÓRICO

O cenário esportivo ainda é predominantemente masculino, e o trabalho da mulher que escolhe seguir essa profissão é colocado em dúvida constantemente. Com isso, a mulher é sempre escalada para cobrir esportes amadores (COELHO, 2003).

No ambiente televisivo, é evidente que as jornalistas esportivas obedecem a um padrão de beleza e até mesmo de comportamento, sendo estabelecido um estereótipo para aquelas que querem ocupar o cargo.

Ainda que a inserção da mulher na mídia esportiva seja algo claro na atualidade, ela ainda não possui representatividade suficiente (ALEXANDRINO, 2011). A grande questão gerada é se a mulher finalmente tem autonomia para participar efetivamente e expressar suas opiniões ou se ela é apenas usada em mais uma situação como vitrine de beleza.

Segundo Bravo (2009), a participação da mulher no jornalismo esportivo está acontecendo. Mas, para Righi (2006), as jornalistas são vistas com maior representatividade apenas quando apresentam ou leem os scripts dos programas.

O contexto histórico abordado no primeiro capítulo tem como base principal os livros “A dominação masculina” de Pierre Bourdieu, “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir e “Cidadania no Brasil” de José Murilo de Carvalho, com o intuito de reforçar os desafios e conquistas reunidos pelas mulheres ao longo da história.

A autora Mary Del Priori contribuiu significativamente para o desenvolvimento do trabalho com a obra “Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia”.

No capítulo seguinte, a entrada da mulher no mercado de trabalho é abordada com base em Christina Larroude de Paula Leite, prioritariamente referenciadas por

Almiralva Ferraz Gomes e pesquisas sobre o assunto. No âmbito esportivo, é reforçado o contexto que a mulher viveu nesse cenário.

Segundo Oliveira, Cherem e Tubino (2011) as mudanças favoráveis à participação feminina começaram a ganhar força entre os séculos XIX e XX. Ainda no segundo capítulo, Luana Maia Baggio está presente, com considerações relevantes para a discussão sobre o espaço da mulher na mídia, com foco na editoria estudada.

Laura Mulvey é uma das autoras utilizadas como referência no terceiro capítulo, que trata da presença do gênero feminino na tela. A divisão que também é baseada em dados de pesquisas, ainda utiliza os resultados apresentados por Isabela de Almeida Freire para reforçar a participação feminina na televisão.

Em um segundo momento e ainda nesse capítulo, é contada a história da Rede Globo, abordando esporte televisivo e a trajetória dos dois programas escolhidos para serem analisados, através das informações disponibilizadas pela própria.

Finalmente, a Análise de Discurso surge como embasamento importante para alcançar os resultados esperados. A escolha foi pela análise francesa de Michael Foucault, que representa um olhar significativo perante o discurso dos programas escolhidos com o intuito de compreender o espaço ocupado pela mulher considerando as influências históricas e culturais na formação do que é apresentado.

1.5. METODOLOGIA

Os tipos de pesquisas são divididos em três grupos: pesquisa descritiva, exploratória e explicativa (Vianna, 2001). Neste trabalho, a pesquisa descritiva foi adotada como principal, já que, de acordo com Gil (2008), esse tipo de pesquisa possui a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência como objetivo.

A pesquisa bibliográfica é mais uma ferramenta que colaborou eficientemente para o resultado desse estudo já que, segundo Martins (1994), ela tem como objetivo conhecer, analisar e explicar o tema baseado em referências teóricas que podem surgir de livros, revistas, periódicos e outros.

Portanto, inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico com o objetivo de abordar a história da mulher na sociedade e o espaço ocupado por ela nos segmentos profissionais que envolvem o mercado analisado nesse trabalho.

Para obter as possíveis respostas aos questionamentos e problemas levantados, a investigação empírica foi utilizada para analisar os dois programas esportivos da Rede Globo escolhidos previamente.

A escolha se deu pelo fato de a Globo ocupar o lugar de maior emissora de televisão do país e atualmente ser a casa da grande revelação do jornalismo esportivo, Fernanda Gentil. A jornalista apresenta o Esporte Espetacular, que passa aos domingos e é um dos objetos da análise. O outro programa a ser estudado é o Globo Esporte DF, apresentado pela jornalista Viviane Costa e exibido de segunda a sábado.

Com isso, a análise de discurso francesa reforça a metodologia ao captar os efeitos de sentido relacionados à linguagem. O sentido do discurso pode ser influenciado por diversos fatores, como questões históricas capazes de influenciar na forma em que as coisas são formuladas e, principalmente, na maneira em que são compreendidas pelo público. Foucault (2012) defende que o discurso vai além das lutas em si ou dos sistemas de dominação. Na verdade, é relacionado àquilo pelo que se luta, o poder que é desejado obter.

A análise atenciosa dos dois programas esportivos da Rede Globo é item fundamental para as conclusões acerca da temática. Por se tratar de um tema com pouca bibliografia, foi adotado também o caráter exploratório nessa pesquisa, com o intuito de ampliar a percepção além do que já se tem registrado.

Sobre a pesquisa exploratória, confira-se a seguinte lição doutrinária:

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2008, p.27).

Todas as conclusões alcançadas com o trabalho possuem caráter qualitativo. Ou seja, não se preocupa essencialmente com os dados em relação a números e, sim, com a qualificação dessas informações obtidas durante a análise do problema.

A compilação de todas as informações oferece percepções sobre o cenário estudado, permitindo que sejam formuladas respostas para as questões levantadas acerca da discussão sobre o espaço da mulher no jornalismo esportivo televisivo brasileiro.

2. CAPÍTULO I – GÊNERO FEMININO NA HISTÓRIA

Nesse capítulo será apresentado um breve resumo sobre a situação feminina durante os períodos de colonização, império, república e 3º milênio, além de um panorama atual do espaço ocupado pelas mulheres no Brasil.

Durante muito tempo, e mesmo considerando apenas o contexto ocidental, pode-se perceber que as mulheres tiveram suas histórias não contadas e, muitas vezes, tidas como não importantes. Por muito tempo, elas eram totalmente submissas às regras impostas pela sociedade masculina e não tinham o direito de participar da política, da economia e, muitas vezes, nem mesmo da vida social. Era proibido votar, estudar e trabalhar fora, sendo as únicas preocupações cuidar de casa, marido e filhos.

Acompanhando essa tendência, no Brasil, infelizmente, a desigualdade de gênero existe desde antes da colonização, já que, até nas culturas indígenas, aprendia-se que o papel da mulher era menos relevante que o do homem. Com a chegada de colonizadores, a submissão feminina foi reforçada e, notoriamente, era muito mais forte do que nos dias atuais. No Brasil Colônia, por exemplo, o primeiro papel feminino apontado é a relação amorosa entre índias e europeus devido à miscigenação do povo brasileiro ocasionada por esse contato.

A miscigenação se deveu à natureza da colonização portuguesa: comercial e masculina. Portugal, à época da conquista, tinha cerca de 1 milhão de habitantes, insuficientes para colonizar o vasto império que conquistara, sobretudo as partes menos habitadas, como o Brasil. Não havia mulheres para acompanhar os homens. Miscigenar era uma necessidade individual e política. A miscigenação se deu em parte por aceitação das mulheres indígenas, em parte pelo simples estupro. No caso das escravas africanas, o estupro era a regra". (CARVALHO, 2001, p.20).

Incontestavelmente, são as mulheres que mais sofreram com todas as mudanças surgidas a partir desse período, desde a imposição de hábitos até a divisão do trabalho por gênero, contexto no qual elas passaram a ser escravas, gerar filhos dos senhores fora do casamento e, posteriormente, muitas foram transformadas em escravas sexuais.

Antes da chegada dos portugueses, as mulheres eram as grandes responsáveis por assegurarem as produções e agricultura para o sustento (BASEGGIO e SILVA, 2015). O trabalho pesado não era uma característica masculina nas culturas indígenas, já que para os homens eram reservados os trabalhos artísticos e as mulheres eram responsáveis pelo esforço braçal.

As mulheres indígenas trabalhavam, “sem comparação, mais do que os homens”: plantavam o mantimento, preparavam a comida, iam buscar água, eram responsáveis pela higiene, cuidavam dos meninos, domesticavam animais, exerciam atividades de magia, e até mesmo atividade industrial. Os homens viviam num parasitismo das atividades da mulher, sobrecarregada. (LACERDA, 2010, p. 42).

A escravização já dava seus primeiros passos conforme o período avançava e o governo português era formado no Brasil. Porém, escravizar os índios foi uma tentativa frustrada. Segundo BASEGGIO e SILVA (2015), a escravização deu errado pela falta de aptidão dos homens indígenas para o trabalho árduo. A partir desse momento, os portugueses encontraram a resistência buscada nos negros, que foram trazidos ao Brasil em condições altamente precárias, enfrentaram doenças graves e foram transformados em escravos. As mulheres negras, além de submetidas ao trabalho escravo, foram submetidas também ao papel de objeto sexual.

Isto explica a enorme atração dos homens brancos na cultura sexual africana, que trazia consigo aspectos muito mais intensos do que os relacionamentos sem graça impostos por uma corte europeia. Na cultura africana a sexualidade era vista e exposta de forma muito mais aventureira, fato que despertava o interesse dos navegadores e colonizadores portugueses”. (BASEGGIO e SILVA, 2015, p.23).

A situação da mulher no período colonial é variável entre indígenas, negras e brancas, mas em uma conversa sobre as “mulheres de antigamente”, é inevitável que no imaginário da maioria das pessoas surja uma figura feminina dominada pelo pai, pelo marido e, enfim, por toda sociedade. Essas características de submissão e retração, principalmente dentro de casa, são características fortes também da mulher branca. As mulheres casadas tinham a responsabilidade de ter um filho atrás do outro, enquanto os pais de moças solteiras passaram a colocá-las em conventos para restringi-las sexualmente e prepará-las para o casamento (FREYRE, 2003).

Por isso, a maternidade é uma característica forte de todas as mulheres desde as civilizações clássicas. Além de um refúgio ao abandono, tornar-se mãe também podia ser visto como uma rara oportunidade para que as mulheres exercessem o poder, afinal, as posições de frente não eram nada habituais para elas. Conforme Del Priore (1993, p. 19-20), “a identidade feminina fazia-se a partir da maternidade, independentemente de a mulher pertencer à casa-grande, à senzala ou à palhoça bandeirista”.

O preconceito estabelecido durante a colonização brasileira prejudicou muito a mulher e deixou marcas que ainda permanecem fortes na sociedade atual de nosso país. De certa forma, há quem enxergue esse contexto como um impulso para a luta em busca de direitos.

Durante o Império, o direito à educação, por exemplo, é a principal conquista das mulheres. Apesar de inicialmente poderem frequentar apenas o ensino básico, em 1879 o governo autorizou a participação das mulheres nas instituições de ensino superior, mas, mesmo sendo um direito adquirido, a sociedade “olhava torto” para a mulher que escolhia iniciar a vida acadêmica.

A figura da mãe também era muito forte nesse período e a mulher que fazia qualquer coisa que tirasse um pouco da atenção à família era discriminada. Sendo assim, trabalhar fora era uma grande ofensa, mas muitos maridos não conseguiam garantir o sustento das famílias e até mesmo as mulheres que já atuavam como lavadeiras, costureiras, arrumadeiras, cozinheiras e babás precisaram, em um dado momento, assumir o trabalho em fábricas para complementar a renda.

O período do Império foi encerrado com a Proclamação da República, que trouxe avanços no âmbito dos direitos femininos, mesmo com muita luta. No período republicano, o gênero feminino conquistou muitos avanços e direitos básicos que por séculos foram reprimidos, como o tão buscado direito ao voto, que chegou ao mundo feminino em 1893 na Nova Zelândia e apenas no século seguinte, exatamente em 24 de fevereiro de 1932, virou lei no Brasil, após muitas reivindicações femininas.

O caminho percorrido pelas mulheres ganhou novos rumos, especialmente no fim do século XX. As inúmeras mudanças desse período inseriram nos relatos os grupos que nunca foram considerados parte importante da história. Se hoje a realidade

para o gênero feminino está um pouco mais fácil, é devido a muita batalha e um longo e árduo trajeto percorrido.

2.1.MULHERES NO BRASIL ATUAL

Os estudos sobre gênero estão consideravelmente ligados aos movimentos feministas. Desde meados dos anos setenta, as mulheres brasileiras eram responsáveis por mobilizações contra o custo de vida e a favor de abertura política (SILVA, 2000).

A ditadura militar de 1964 começa a deixar o país a partir da década de oitenta, mas os movimentos de mulheres e feministas já existem no Brasil. Os primeiros grupos comprometidos em lutar pela igualdade das mulheres surgiram em 1975, quando a ONU declarou o início da Década da Mulher.

O debate sobre as questões de gênero no Brasil, principalmente dentro do âmbito das Ciências Humanas, é bastante recente. Junto aos movimentos feministas que se intensificaram nas décadas de 1950, 1960 e 1970, os trabalhos acerca do tema ganharam projeção não só dentro dos movimentos sociais que eram organizados pelas militantes feministas, mas também na Academia através de palestras, congressos, produção de artigos, dissertações, dentre outros. (SOUSA, 2010, p.17).

Para Bruschini (1994), o crescimento expressivo da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro desde então é “uma das mais marcantes transformações sociais ocorridas no país”.

Na década de setenta, o movimento de mulheres no Brasil adquiriu certa visibilidade e muitas das suas ativistas ou simpatizantes já estavam inseridas e trabalhavam nas universidades. Durante essa época, as pesquisas voltadas para o assunto estavam mais desenvolvidas do que nos outros países da América Latina e o Brasil foi identificado pela Fundação Ford como o país com maior interesse no estudo das mulheres (HEILBORN e SORJ, 1999). “Estudos sobre mulher” era a denominação mais comum utilizada no período, mas, a partir da década seguinte, o termo foi sendo substituído por “gênero”.

As denominações “Os Estudos sobre Mulher”, “Estudos de Gênero” ou “Relações de Gênero” foram as fórmulas encontradas para institucionalizar a reflexão impulsionada pelo diálogo com o feminismo na academia brasileira. A escolha de uma ou outra destas denominações não é ingênua nem arbitrária, pelo contrário, remete às controvérsias sobre a natureza e os limites desta área de estudos. (HEILBORN e SORJ, 1999, p.4).

A partir da década de oitenta, os estudos de gênero e trabalho recebem grande impulso em função, por um lado, de transformações sociais expressas no notável crescimento do emprego feminino industrial a partir dos anos 70 (HEILBORN e SORJ, 1999).

Esses pequenos ou grandes marcos são seguidos de constantes ações das mulheres em busca de direitos e do surgimento de órgãos e, principalmente, de organizações do terceiro setor em benefício da mulher. A Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher (DEAM), que hoje está espalhada por diversos estados, é uma das conquistas mais recentes e marcantes. O combate à violência contra a mulher nos dias atuais é uma frente de luta importantíssima para quem defende o direito do gênero feminino, mas é necessário ressaltar que a efetividade da unidade policial ganhou força já no terceiro milênio com a sanção da lei Maria da Penha, que estabeleceu novas determinações em defesa do direito da mulher.

É a partir dos anos 2000 que a discussão de gênero ganha força nas conversas populares e a liderança feminina torna-se um assunto urgente. Atualmente, o gênero, que surgiu de uma divisão biológica, ultrapassa o conceito diretamente relacionado a masculino e feminino para discutir assuntos extensos e de interesse social.

Os movimentos sociais abrangem, hoje, realidades diversas. Consideramos que os movimentos de mulheres ou feministas (que não são necessariamente compostos apenas por mulheres) tornam-se movimentos sociais atuantes quando identificam formas de opressão que extrapolam as relações de produção e abrangem questões mais amplas como meio ambiente, qualidade de vida, cultura patriarcal, desigualdades de gênero e outras que questionam os paradigmas sociais vigentes. (SILVA, 2000, p. 9).

Uma publicação feita pelo Fórum Econômico Mundial em 2016 aponta que “no ritmo atual seriam necessários 95 anos para que mulheres e homens atingissem situação de plena igualdade no Brasil” (WENTZEL, 2017). Segundo as informações, o

Brasil está na 79ª posição no ranking global de 2016 da igualdade de gêneros, entre 144 países. Em 2015, o país havia ficado na 85ª posição. Dados como esses carregam resquícios de um machismo que já atravessa eras e é um grande vilão para a igualdade de gênero.

A mulher do terceiro milênio exerce a independência almejada por tantos anos, mas continua lutando para conquistar o espaço merecido e manter todos os direitos alcançados até aqui. A participação ativa na sociedade retrata outra realidade, mas, apesar de tudo o que já foi conquistado, as dificuldades e barreiras ainda se fazem presentes e as mulheres seguem incansáveis na luta para eliminar os desafios e continuar evoluindo na busca pela igualdade de gênero.

3. CAPÍTULO II – O ESPAÇO PROFISSIONAL DAS MULHERES

O capítulo abordará o espaço ocupado pelas mulheres no mercado de trabalho em geral. De maneira mais profunda, será feita uma análise da presença de profissionais mulheres, tanto na história do esporte, quanto nos meios de comunicação.

A figura da mulher dona de casa fica cada dia mais distante com o passar do tempo. O número cada vez mais crescente de mulheres independentes e arrimos de família mostra que elas ocupam cada dia mais espaço no mercado de trabalho e no cenário social como um todo, mas, infelizmente, nem sempre foi assim. Por muito tempo, as mulheres eram totalmente submissas às vontades dos maridos e ao julgamento da sociedade.

Os poderes políticos, econômicos e culturais eram dados aos homens enquanto as mulheres eram mantidas no âmbito doméstico. A elas, cabia apenas cuidar dos afazeres domésticos e da família, qualquer ação que fosse contrária era motivo para serem julgadas como mulheres “sem valor”.

Na Antiguidade, a atribuição das tarefas domésticas exclusivamente às mulheres começou a solidificar-se como um aspecto decorrente da natureza do sexo feminino e como base para a rígida divisão do trabalho entre homens e mulheres. (GOMES, 2005).

Entre os séculos XIX e XX, o trabalho fora de casa começou a fazer parte da realidade de muitas mulheres. Entretanto, essa entrada feminina no mercado de trabalho não aconteceu de forma independente, mas foi influenciada por diversos episódios que ocorreram a partir dessa época.

Com a revolução industrial e as grandes guerras mundiais, ocorridas entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, os homens precisaram deixar suas funções nas indústrias para exercer o trabalho militar nas guerras. Os espaços ocupados por eles acabaram sendo entregues às mulheres e isso proporcionou uma nova possibilidade para elas que, além de começarem a trabalhar fora de casa para sustentar a família, passassem a participar da vida moderna e a lutar cada vez mais pela participação ativa do gênero feminino em diversos setores.

Com os reflexos da guerra, as mulheres foram permanecendo na função de provedoras, já que era alto o número de mortos e boa parte dos homens eram mutilados e ficavam impossibilitados de retomar seus empregos. Essa permanência foi um passo importante para que a presença feminina começasse a ser mais constante no mercado.

Com a consolidação do sistema capitalista inúmeras mudanças ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino. Com o desenvolvimento tecnológico e o intenso crescimento da maquinaria, boa parte da mão-deobra feminina foi transferida para as fábricas. Desde então, algumas leis passaram a beneficiar as mulheres. (PROBST, 2005, p.2).

Alguns dos benefícios estão determinados no decreto nº 21.417, de 17 de maio de 1932 que diz: “sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez”.

Mesmo com o espaço no mercado de trabalho sendo mais acessível para as mulheres e as leis defendendo seus direitos, na prática as coisas foram e ainda são diferentes. “A remuneração do trabalho feminino foi tradicionalmente comprimida por uma perversão da lógica segundo a qual a mulher não precisa ganhar tanto quanto o homem porque, afinal, ela deve ser por ele sustentada.” (LEITE, 1994, p.37).

As desigualdades entre os gêneros sempre existiram, e a lógica machista antiga ainda influencia os pensamentos e ações atuais. Mesmo que de maneira mais velada, as mulheres ainda são discriminadas e nas mais diversas profissões recebem menos ou ocupam os cargos menores apenas por serem mulheres, independentemente de formação ou competência.

O processo de inserção das mulheres no mercado de trabalho, apesar de parecer estar se consolidando, não é um fenômeno simples e de resultados facilmente alcançáveis. Vários problemas foram e são enfrentados pelas mulheres no mundo do trabalho: a) salários menores do que os dos homens por trabalhos equivalentes; b) dupla jornada, produto de uma divisão sexual do trabalho que ainda prevê que todo o gerenciamento da vida doméstica é trabalho feminino; c) deficiências nas políticas sociais, o que impede o acesso aos serviços de apoio familiar, como creches, refeitórios e outros equipamentos sociais para mulheres de menor renda; d) menores chances

de capacitar-se profissionalmente nas áreas rentáveis, cujas vagas são destinadas majoritariamente aos homens (as profissões vistas como extensões do trabalho reprodutivo e, portanto, com remunerações menores são ainda as que oferecem maiores chances às mulheres); e) falta de voz nos espaços de decisão e de poder para negociar acordos coletivos de trabalho, em razão das desigualdades de gênero nas próprias relações sindicais; etc " (CARREIRA, AJAMIL e MOREIRA apud GOMES, 2005).

O mercado de trabalho está cada vez mais sendo ocupado por mulheres, mas, ainda assim, dados dos Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, em 1950, apenas 13,6% das mulheres eram economicamente ativas. No Brasil, esse aumento demorou mais do que em outros lugares do mundo.

O estudo *World Employment Social Outlook - Trends for women 2017*, realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), aponta que a redução de pelo menos 25% até 2025 das desigualdades de gênero seria capaz de elevar a economia global. A participação das mulheres nos mercados de trabalho brasileiro e mundial, e a influência econômica estão identificadas no Anexo B deste trabalho.

Enquanto isso, o Relatório de Desigualdade Global de Gênero de 2017, produzido pelo Fórum Econômico Mundial, revela que 68% da desigualdade de gênero já foram combatidos em todo o planeta, embora de maneira lenta e pouco significativa. Em 2016 e 2015, os números foram 68,3% e 68,1%, respectivamente.

Entretanto, o Brasil caiu 11 posições em relação ao ano anterior, em reflexo à diminuição da participação feminina na política, mas, mesmo estando no 90º lugar, o país evolui na igualdade de gênero em relação à educação. Ainda de acordo com a publicação, seriam necessários mais ou menos 100 anos para acabar com a desigualdade no mundo, sendo que, para o mercado de trabalho, a expectativa é de 217 anos para alcançar a igualdade entre homens e mulheres.

3.1. MULHERES NO ESPORTE

Se os desafios já eram grandes para as mulheres desenvolverem atividades profissionais, o problema é muito maior em um âmbito prioritariamente tido como masculino. Mesmo já estando inserida no mercado de trabalho, a participação feminina no cenário esportivo demorou mais um pouco para acontecer.

Até o ano de 2017, as mulheres da Arábia Saudita, por exemplo, viviam como a época passada e eram impedidas de frequentar qualquer ambiente esportivo, por se tratar de um dos países mais rigorosos em relação à igualdade de gênero.

De acordo com matéria veiculada pela BBC Brasil em 30 de outubro de 2017, as mulheres árabes conquistaram o direito de assistir às competições nas arenas esportivas a partir do próximo ano, devido à iniciativa do príncipe Mohammed bin Salman, que tenta modernizar a sociedade através de um plano chamado de "Vision 2030". A nova mudança é um grande avanço para as mulheres que buscam conquistar a liberdade no país.

A barreira existente entre as mulheres e o esporte é uma velha questão que começou ainda nos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Desde a Grécia Antiga as mulheres eram impedidas de praticar esportes, pois “as leis de participação da mulher em esportes eram tão rígidas, que no regulamento dos jogos, artigo 5º, dizia que as mulheres casadas não podiam assistir as competições, com sanção de morte” (OLIVEIRA, CHEREM E TUBINO, 2011, p .118).

A inexistência da participação da mulher no esporte ou de sua presença em cenários esportivos, por muitas vezes teve como justificativa a falta de aptidão física e psicológica ou, até mesmo, a possibilidade de as mulheres ficarem masculinizadas, a partir da prática de certas modalidades.

Na Grécia Antiga (776 a.C. a 393 d.C.), iniciaram-se as Panatéias (primeiros jogos olímpicos), considerado evento esportivo mais importante do planeta era tido como festa religiosa, onde competidores se reuniam a cada quatro anos, em comemorações aos Deuses marcadas por jogos e lutas¹⁰, onde a participação da mulher era proibida, até como espectadora. O motivo alegado era que mulheres poderiam ter danos fisiológicos, já que o acesso ao Stadium, local das provas, era muito íngreme. (OLIVEIRA, CHEREM E TUBINO, 2011, p.118)

Apesar das diferentes justificativas, a proibição da mulher no esporte estava diretamente ligada à discriminação, já que o esporte era associado às disputas e, para a sociedade em geral, “mulher não foi feita para guerrear”. Talvez por isso, as primeiras participações das mulheres em eventos esportivos foram como dançarinas e acrobatas, por não serem atividades consideradas de caráter esportivo.

Segundo Oliveira, Cherem e Tubino (2011), as mulheres chegaram a realizar esportes com os homens no período da Idade Média, mas foram excluídas das práticas no século XVII e a participação só foi retomada durante a transição dos séculos XVIII e XIX, quando os competidores passaram a levar as esposas para acompanhar as competições.

Esse cenário de privação para a mulher dentro do âmbito esportivo começou a ter relevantes mudanças na transição entre os séculos XIX e XX, mesmo período em que a mulher alcançou relevantes conquistas sociais. As Olimpíadas da Era Moderna de Atenas, retomadas em 1896, eram totalmente restritas aos homens, e as mulheres que queriam integrar o esporte naquela época precisaram ter bastante paciência para conseguir lugar em uma modalidade por vez e sendo apenas espectadoras nas primeiras disputas.

Felizmente, apesar dos obstáculos, muitas mulheres abriram o caminho para o sexo feminino em diversas modalidades e competições. A primeira foi a grega Stamati Revithi, que participou da maratona mesmo sem autorização, iniciando assim a luta das mulheres pelo espaço nas competições.

Stamati fez o percurso em quatro horas e meia, mais rápido que alguns homens. Por não lembrar seu nome, os organizadores apelidaram-na de Melpomene, Deusa grega da tragédia, lembrando apenas do drama e não o feito extraordinário de sua atitude, que não teve reconhecimento internacional, mas provocou início para o ingresso gradual das mulheres nos jogos, por meio de lutas contra os valores da época, sendo a primeira mulher a enfrentar os obstáculos esportivos da era moderna (OLIVEIRA, CHEREM E TUBINO, 2011, p.119)

Esse enfrentamento das regras serviu com incentivo para que anos mais tarde, onze mulheres fossem até os Jogos Olímpicos de 1900, em Paris, para reivindicar a entrada da mulher na competição. Com as mudanças que aconteceram ao longo da história, a mulher foi ocupando lugares além dos serviços domésticos.

A independência feminina refletiu em diversas mudanças sociais e no esporte não foi diferente. Por mais que tardio, através das lutas dessas mulheres que buscaram essa independência, foi possível dar os primeiros passos em direção ao lugar que queriam ocupar no esporte.

No esporte, nomes importantes contribuíram para os primeiros passos da participação feminina nas competições. Entre os mais conhecidos, está Alice Melliat a francesa que ficou conhecida por lutar junto com outras mulheres pela participação feminina nas modalidades olímpicas.

Alice Melliat liderou esse grupo, e em 1917 fundou a Federação Esportiva Feminina Internacional (FEFI), que supervisionava recordes, estabelecia regras e promovia o esporte feminino, para reivindicar que o Comitê Olímpico Internacional (COI) permitisse a entrada efetiva do sexo feminino nas competições.

Com o passar do tempo e a mudança do papel da mulher que, com a revolução industrial, passou a trabalhar fora de casa, o movimento com relação ao reconhecimento das atletas nos esportes foi se tornando cada vez mais intenso e, em 1928, o COI aprovou a inclusão de provas de atletismo para as mulheres nas olimpíadas. Infelizmente, nessa época, ainda acreditava-se que elas não eram capazes de correr grandes distâncias e, por este motivo, as provas de atletismo ficaram restritas às modalidades de curta distância – mantendo a exclusividade de provas longas para os homens (até 1960). (BLOG DO MÉLIUZ, 2017).

Apesar da conquista de ter o atletismo para mulheres incluso nos Jogos Olímpicos, a participação feminina foi lenta e gradual. As mulheres só passaram a ter direito de participar de todas as modalidades olímpicas em 2012.

Nesse período, a participação feminina em olimpíadas foi de 44,2%. Segundo levantamento realizado pelo COI. Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro registraram 45,2%, o que representa 5.130 mulheres participantes da competição, conforme tabela disponível no anexo B deste trabalho.

A inserção das mulheres brasileiras no mundo do esporte acontece em meados do século XIX, mas é só partir das primeiras décadas do século XX que a participação ganha grande visibilidade. Enquanto o mundo conta com as iniciativas de Melliat, no Brasil uma grande referência para as esportistas carrega o nome de Maria Lenk. Aos 17 anos foi a primeira brasileira e sul americana a participar de uma Olimpíada.

No Brasil, inclusive, existia uma proibição no artigo 54 do Decreto-Lei N.3.199 de 14 de abril de 1941. O texto determinava que: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

As mulheres ainda enfrentam muitos desafios, mas é notório e importantíssimo o crescimento da participação delas nas competições esportivas. Com o passar do tempo, é cada vez mais perceptível o quanto as mulheres avançaram em mais um território que também é tido como predominantemente masculino.

3.2. MULHERES NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Os obstáculos impostos às mulheres ao longo da história não estão restritos ao mundo esportivo e, nos meios de comunicação de massa, a luta também foi e ainda é árdua. A profissionalização das mulheres em geral era alvo de preconceito e, por muito tempo, a mídia foi um espaço exclusivamente masculino. Mesmo com os avanços, a discriminação ainda está presente nos meios de comunicação e a entrada das mulheres na mídia pode ser diretamente relacionada aos estereótipos de beleza, pois a representação inicial delas na TV segue a ideia de submissão feminina já existente na sociedade.

Pensando na exposição midiática do público feminino, pode-se afirmar que os “meios” encontraram um mercado de investimento significativo e de capital altamente rentável, compondo assim basicamente dois grandes apelos vinculados à problemática do corpo feminino. Primeiro, a caracterização fetichista e mercadológica na qual a mulher se torna apenas uma imagem cuja finalidade é a apreensão e apreciação do público masculino; segundo, um círculo vicioso do consumo de produtos e serviços na incansável e interminável busca do corpo ideal ditado pelos padrões de beleza contemporâneos, no qual as formas são estereotipadas e a juventude é glorificada. (FELDMANN, 2009, p.3).

O estereótipo representa a ideia de mulher principalmente dentro das produções televisivas em geral, mas principalmente dentro do ramo publicitário. São comumente vistas como objetos e um exemplo claro dentro da publicidade está nas propagandas voltadas para o público masculino, como as campanhas de cerveja.

A mídia, em destaque a televisiva e publicitária, expõe corpos de mulheres jovens e bonitos. Tipos ideais de belezas são representados por atrizes ou modelos em propagandas, fazendo com que muitas mulheres que recebem esta mensagem a tomem para si como um tipo de beleza a ser alcançado. (BAGGIO, 2012, p.14).

Como profissional do mercado de comunicação, a figura da mulher era vista como frágil em relação à imagem masculina, portanto, as mulheres estiveram por

muito tempo fora das diversas editorias apenas por essa discriminação de gênero. A elas cabiam os assuntos sobre moda, decoração e quiçá cultura, pois não eram vistas como “ideais” para falar sobre política, economia, esporte e tantos outros assuntos.

Segundo Chambers, Steiner e Fleming (2004), citadas por Casadei (2011,p.5), a presença inicial de jornalistas mulheres nas redações surgiu do interesse dos jornais em “faturar”. As norte-americanas, por exemplo, entraram para a imprensa apenas nas últimas décadas do século XIX porque os jornais dependiam de renda publicitária para sobreviver e, por isso, precisavam atrair a audiência feminina. Ainda assim, essa participação era bastante restrita.

O crescimento mais significativo da imprensa feminista acontece mesmo no século XX, especialmente no período entre guerras, onde as reivindicações estavam ligadas, principalmente, à busca pelos direitos trabalhistas. Felizmente, com o passar dos anos, a presença da mulher no jornal impresso, rádio e TV, vai se fortalecendo, principalmente, com a regulamentação do jornalismo como curso superior e a exigência do diploma para exercício da função.

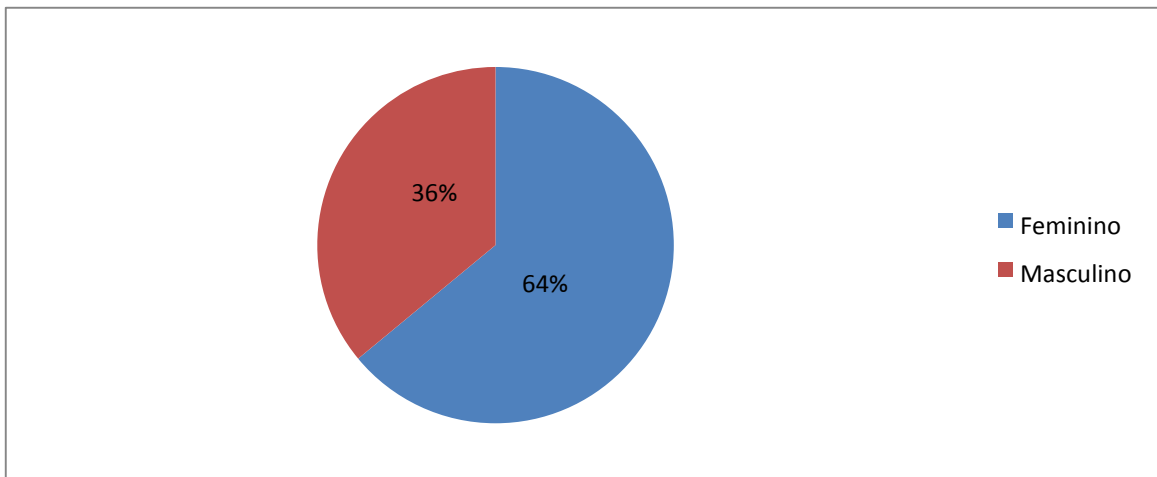
O aumento de mulheres no campo jornalístico se deu a partir do final da década de 30, com a profissionalização da carreira: criação de sindicatos, associações, divisão por editorias nas redações, exigência do diploma, inovações tecnológicas, entre outros. (PERISSÉ, 2013).

A insistência de determinadas mulheres em fazer parte do mercado de comunicação fez com que o espaço hoje seja consideravelmente feminino. Segundo Ramos (2010), uma média de 30 mulheres foi responsável por garantir esse lugar para tantas outras, enfrentando diversos desafios e alta discriminação para fazer parte da história da imprensa e da mídia brasileira em geral. Atualmente, as mulheres ocupam espaço relevante dentro do mercado de comunicação do Brasil e exploram as diversas editorias.

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer o café: circulava na área de serviço (RIBEIRO,1998 apud BAESSO, 2017).

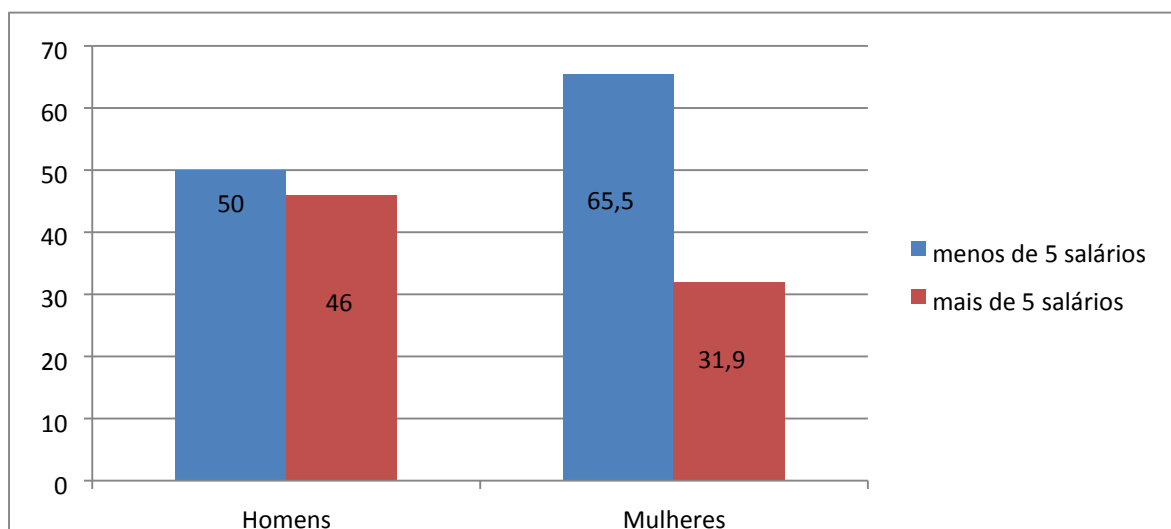
O relatório Projeto de Monitoramento Global de Meios (GMMP, na sigla em inglês) aponta que em 2000, 27% dos jornalistas na América Latina eram do sexo feminino e o número aumentou para 41% em 2015. Já no Brasil, a pesquisa “Quem é o jornalista brasileiro?” divulgada em 2013 pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) relata que as mulheres representam 64% dos profissionais de uma redação.

Gráfico 1 - Jornalistas brasileiros por sexo (2012)



Fonte: *Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país* - Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2013.

Gráfico 2 - Jornalistas brasileiros com renda inferior e superior a 5 salários mínimos, por sexo (2012)



Fonte: *Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país* - Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2013.

O mercado de trabalho está abrangendo cada vez mais profissionais mulheres de comunicação. No Brasil, o aumento da figura feminina no ambiente jornalístico é ainda mais relevante, mas isso não quer dizer que ocupar a maior parte das redações garante igualdade total às mulheres no mercado de trabalho. Os dados também revelam que, apesar de serem maioria, elas ainda possuem remunerações reduzidas se comparadas aos salários dos homens.

Mesmo ainda não sendo um cenário igualitário, a realidade da mulher no mercado de trabalho é potencialmente melhor do que em anos anteriores e cada conquista é uma consequência da luta feminina nas mais diversas esferas. Ainda de acordo com a pesquisa da FENAJ, essa maioria no cenário jornalístico é representada no segmento impresso, mas isso não impede que os outros meios de comunicação ampliem cada vez mais o espaço para as mulheres jornalistas.

4. CAPÍTULO III – O GÊNERO FEMININO NA TELA

A mulher está no audiovisual desde as grandes telas do cinema. No capítulo, a participação da mulher nesse meio será explorada com ênfase na TV. A história da Rede Globo de televisão e o setor esportivo da emissora, dando voz para Esporte Espetacular e Globo Esporte também são assuntos presentes.

A presença de mulheres no cinema sempre esteve associada a beleza e exploração do corpo feminino. Para MULVEY (1983) as atrizes sempre atraíam mais audiência que os atores por serem preferidas pelo público em geral, o que faz com que a estética feminina seja prioridade no desenvolvimento do cinema e, conseqüentemente, no sucesso das produções.

O cinema revela a realidade econômica e política do país, e expõe suas condições de produção e suas relações sociais. O cinema tem papel fundamental seja na retransmissão de antigos e tradicionais valores e distinção de papéis entre os gêneros ou, ao contrário, na transformação desses valores, na desconstrução de rótulos, na sugestão de novas divisões de funções. (ALVES, P., ALVES, J. e SILVA, 2012, p. 1).

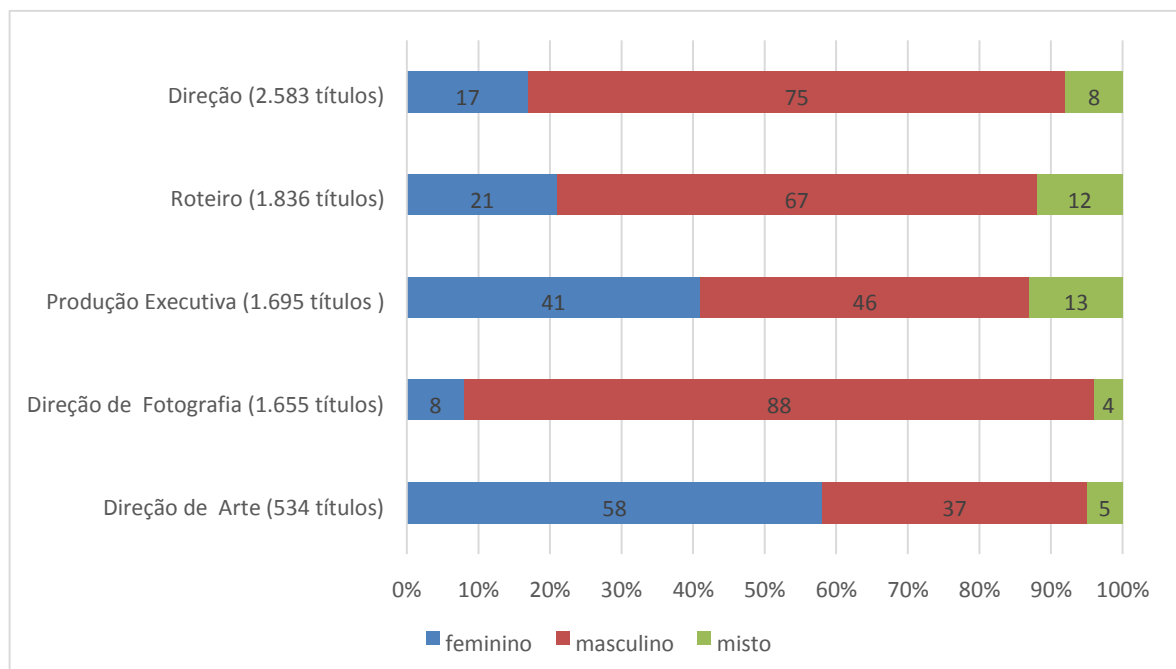
Essa supervalorização da estética, vinda principalmente do cinema hollywoodiano, influenciou também os cenários nacionais. Ao mesmo tempo que causa um deslumbramento e mantém aquela “mágica” das grandes divas no cinema, a forma com que a mulher é representada nos produtos impressos e audiovisuais reforça as noções de estereótipos e padrões de beleza que já são estabelecidos e não incluem boa parte da sociedade.

No Brasil, os estereótipos e a sexualização da mulher são ainda mais presentes nas produções e, em algumas situações, o papel feminino é vulgarizado. Mas, apesar de a imagem da mulher estar sempre nas vitrines das grandes telas, nos bastidores não é dada a mesma relevância a elas. Com o objetivo de abordar as questões de gênero no âmbito do audiovisual, a Agência Nacional do Cinema (Ancine) preparou o Seminário Internacional Mulheres no Audiovisual, que ocorreu no primeiro semestre de 2017.

Nos debates, o foco eram as ações para diminuição da desigualdade de gênero nessa modalidade midiática, que ainda é bastante presente, segundo pesquisa

realizada também pela Ancine em 2016. O estudo “Participação feminina na produção audiovisual brasileira” (2016) reforça que ainda é pequena a participação feminina no audiovisual, principalmente nas funções por trás das câmeras. De acordo com o levantamento, de 2.583 obras audiovisuais registradas ano passado na agência, apenas 17% foram dirigidas e 21% roteirizadas por mulheres, embora mais da metade da população brasileira seja feminina.

Gráfico 3 – Percentual de gênero no audiovisual brasileiro (2016)



Fonte: *Participação feminina na produção audiovisual brasileira* - Agência Nacional do Cinema (Ancine), 2017.

4.1. MULHER NA TV

Os debates sobre a participação da mulher na sociedade são constantes e, com a televisão sendo responsável por atingir a maioria da população brasileira, é quase inevitável não destacar a importância feminina nas telas. Assim como no cinema, a mulher surge na TV refém dos estereótipos, mas talvez seja menos perceptível por estar presente diariamente e de maneira massiva na rotina da sociedade.

O conteúdo voltado para mulher começa a ser veiculado ainda na década de 50 pela TV Tupi, através de alguns programas que tinham como alvo o público feminino, mas, nesse período, a audiência feminina ainda estava presa às revistas, que foram as primeiras portas para a mulher na comunicação. Quase duas décadas depois, o programa de maior relevância, desde que a mulher entrou para a TV, foi apresentado pela rede Globo.

Na década de 80, estreou um programa feminino de grande representatividade para a televisão brasileira: TV Mulher, transmitido pela rede Globo e depois pela TV Manchete, diariamente pela manhã. O programa contou com vários apresentadores durante a sua trajetória, entre eles, Marta Suplicy, Marília Gabriela, Clodovil Hernandez, Ney Gonçalves Dias, Ala Szman e Xênia Bier. Em sua vinheta de abertura, a música “Cor de rosa choque”, de letra composta por Rita Lee e Roberto de Carvalho, e imagens de bastidores de um programa de TV comandado e operado por mulheres, deixava claro o seu público-alvo. Na primeira fase da nova atração, eram abordados temas como decoração e cozinha, posteriormente, o leque de assuntos foi ampliado e começaram a ser discutidas questões relacionadas aos direitos da mulher, comportamento e sexualidade. (FREIRE, 2014, p.19).

A ficção é outro elemento de representatividade feminina utilizado na televisão. Através de novelas, minisséries e afins é retratada a história da mulher na sociedade, obviamente que com adaptações, para melhor se adequar à situação atual do contexto social. Mas, o que era para ser um ponto altamente positivo, por muito tempo também foi um obstáculo para a quebra dos estereótipos, já que a todo tempo é reforçado o modelo ideal de mulher que será a escolhida para casar, ter filhos e cuidar da família. Da mesma maneira, os programas voltados para mulher ainda sustentam essa mesma ideia antiga da dona de casa através das suas pautas.

A televisão é um importante fator na transmissão de valores e estilos de vida. A maioria dos programas femininos, ainda está focado em pautas relacionadas ao âmbito doméstico e continuam tendo como público alvo as donas de casa, já que são exibidos em horário comercial. (FREIRE, 2014, p.33).

Atualmente, a mulher moderna tem entrado em cena mesmo que de maneira lenta. Aos poucos, essas deficiências de pensamento podem ser modificadas com novas representações que são méritos das lutas constantes de todas as mulheres que enfrentaram tudo o que podiam para garantir o seu espaço e defender a luta feminina.

As mulheres que conseguem hoje o seu lugar no mercado de trabalho devem agradecer às pioneiras que defenderam esse direito que tem chegado cada vez com mais força na sociedade. Ninguém poderia imaginar que o Jornal Nacional, por

exemplo, contaria com duas mulheres dividindo a bancada. A prática, por mais que aconteça de forma esporádica e apenas aos sábados, reflete na ideia de que a mulher não é mais tão dependente da figura masculina.

No telejornalismo, as mulheres têm sido presença cada vez mais constante. O Brasil reúne grandes jornalistas femininas que se destacaram pelo trabalho na TV.

Ana Paula Padrão, Glória Maria, Fátima Bernardes, Sandra Annenberg e Renata Vasconcellos são alguns nomes relevantes para o jornalismo nacional, principalmente para a Rede Globo.

4.2. REDE GLOBO

O Brasil foi apresentado à televisão em 1950 e, já no ano seguinte, a Rádio Globo, fundada em 1944, fez um pedido de concessão de um canal de televisão.

Quase seis anos depois, recebeu a autorização do presidente da época, Juscelino Kubitschek.

Inaugurada em 26 de abril de 1965 pelo jornalista Roberto Marinho, a TV Globo foi criada com base em um modelo americano de televisão e permanece sendo a maior rede de televisão do país até hoje.

No site oficial do Grupo Globo estão todas as informações sobre a história que fez a rede assumir o patamar de maior audiência. Atualmente, a Globo é formada por cinco emissoras próprias que pertencem a Família Marinho, e conta com 118 afiliadas no Brasil pertencentes a vários grupos empresariais

O grupo participa da coprodução de produções do cinema brasileiro através da Globo Filmes; garante espaço no canal fechado através do Globosat, que disponibiliza 30 canais pagos com 24 horas de programação, entre eles SporTV, GloboNews, Multishow, GNT, VIVA e Gloob; Infoglobo e a Editora Globo são responsáveis pelos jornais e revistas impressos, digitais; a gravadora Som Livre atua no âmbito musical e o Sistema Globo de Rádio envolve a CBN e a Rádio Globo; tendo ainda um portal online de classificados denominado ZAP.

A estrutura corporativa, que envolve o conselho de administração e os executivos, conta com 13 profissionais, sendo apenas três mulheres. De acordo com as informações do site, elas ocupam cargos de direção corporativa.

O site institucional do Grupo Globo define como missão “Queremos cada vez mais ser o ambiente onde todos se encontram. E encontram informação, diversão e cultura, instrumentos essenciais para uma sociedade que almeja a felicidade de todos e de cada um”.

A primeira exibição do “Jornal Nacional”, em 1969, representa também o início da Rede Globo que, principalmente a partir desse acontecimento, se transformou em uma rede de alcance nacional. Porém, a consolidação da emissora chegou em 1975, quando a Globo atinge uma grade fixa presente em diversos estados brasileiros e inicia a exportação de conteúdo para outros países.

Em 1977, toda a programação da Rede Globo passou a ser exibida em cores, algo que antes era restrito apenas às novelas e aos telejornais. Na década de 80, começaram a ser criados novos formatos de programas de entretenimento, dramaturgia e jornalismo.

Ao longo de todo esse tempo de existência, a relação da Globo com o público é de amor e ódio. Enquanto uma parcela é formada por telespectadores assíduos da emissora, existe quem queira “boicotar” a rede por questões políticas, alegando o poder de manipulação. Apesar disso, a audiência da Rede Globo permanece sendo a maior do país em diversos seguimentos e tem como diferencial o investimento na qualidade de imagem, equipamentos e altas produções.

Atualmente, segundo dados disponibilizados no site institucional, o sinal chega a 5.490 cidades – 98% dos municípios, alcançando uma média de 170 milhões de telespectadores brasileiros. A Globo é também dona do maior complexo de televisão da América Latina, atinge ainda 100 países através da Globo Internacional, tendo seu conteúdo assistido por cerca de 300 milhões no mundo.

4.3. O ESPORTE TELEVISIVO DA EMISSORA

Responsável por transmitir as grandes competições mundiais e campeonatos nacionais e internacionais, quase sempre com exclusividade, a Rede Globo investe

no esporte há algumas décadas. A temática foi levada para a TV ainda no ano de inauguração da emissora e, desde então, foi a única televisão brasileira a acompanhar todas as Copas do Mundo, o maior evento esportivo mundial. A primeira transmissão ao vivo das partidas para o Brasil aconteceu em 1970, na Copa do México.

Mas, o espaço destinado ao esporte não era apenas com foco nas coberturas de futebol. No site Memórias Globo, a emissora arquivava a história desde sua inauguração. “Por dentro da jogada” era o programa responsável pela exibição de disputas. Já “Em cima do lance” abriu as primeiras portas para os comentários televisivos sobre futebol, que já eram feitos antes no rádio.

Nesse acervo disponibilizado pela própria Globo, é possível acessar as diversas matérias que contam a história do esporte dentro da Rede Globo, assim como todas as suas evoluções de cobertura, trocas de profissionais, formas de transmissão.

Com o passar dos anos, a Globo foi inovando e foram sendo criados novos programas esportivos para enriquecer sua grade. Alguns estão no ar até hoje, como os dois que são objetos de análise desse trabalho. As coberturas também ficaram cada vez mais constantes e, além das competições futebolísticas, por muito tempo as competições de Fórmula 1 ocuparam boa parte da grade esportiva da emissora.

Devido a todas as questões históricas e sócias sobre a imagem da mulher, já abordadas anteriormente nessa monografia, os programas e telejornais do segmento esportivos por muito tempo foram apresentados apenas por homens. A mudança aconteceu com a reformulação do Esporte Espetacular, que em 1989 recebeu Isabela Scalabrini como apresentadora. Ela foi a primeira mulher a apresentar um programa esportivo na TV Globo e abriu portas para que mais mulheres fizessem parte da editoria, como a velha conhecida do esporte, Mylena Ciribelli.

Atualmente, a grade horária da emissora é preenchida por três programas esportivos na TV aberta que são Globo Esporte, Auto Esporte e Esporte Espetacular. Já na TV fechada, a Globo é detentora do Sport TV, que é responsável por transmitir diversas disputas esportivas em sua programação. Fora isso, a emissora faz a cobertura dos campeonatos nacionais de futebol, UFC, Fórmula 1, além de ser responsável pela transmissão principal das grandes competições como Jogos Olímpicos e Copas do Mundo.

4.3.1. Esporte Espetacular

Exibido pela primeira vez em 8 de dezembro de 1973, o Esporte Espetacular (EE) é um dos mais antigos programas esportivos que ainda permanece em exibição na televisão brasileira. Com quase 44 anos, a revista eletrônica semanal é veiculada nas manhãs de domingo e apresentada, atualmente, por Fernanda Gentil e Felipe Andreoli para todo o Brasil.

Desde a primeira exibição, o Esporte Espetacular foi reformulado algumas vezes para deixar de lado o formato formal que foi adotado inicialmente e se tornar algo mais parecido com o que é hoje, um programa mais leve e interativo. Mas, mesmo com as mudanças, o EE parou de ser exibido em 1983 e permaneceu quatro anos fora do ar.

Com a programação retomada em 1987, o programa retornou em novo horário e com foco no esporte nacional e esportes radicais. Reformulado mais uma vez, o EE passou a produzir mais conteúdo e cobrir diversas modalidades. Nesse período de reformulação ocorreu um dos grandes acontecimentos do esporte da Globo: a primeira apresentadora mulher em um programa esportivo aparece nas telas. Isabela Scalabrini assumiu a apresentação do programa e em seguida passou a dividi-la com Mylena Ciribelli, Léo Batista e Fernando Vanucci.

Entre os nomes bastante conhecidos que passaram pela história do Esporte Espetacular está Glenda Kozłowski. A ex-esportista assumiu o EE em 1996 e permaneceu em frente às câmeras até 2005 e assumiu o Globo Esporte. Em 2011, Glenda retomou a apresentação do EE sempre dividindo a tarefa com um homem. Ela permaneceu no comando até agosto de 2016, com Ivan Moré, quando ambos foram substituídos pelo ex-judoca Flávio Canto e a jornalista Fernanda Gentil, que hoje apresenta o programa ao lado de Felipe Andreoli.

De acordo com o site da Globo, o programa, que está cada vez mais interativo e descontraído, tem como foco entrevistas, reportagens, personagens históricos e a relação social do esporte. Os gols da rodada e a preparação dos times para os jogos são assuntos fixos. Além disso, o EE reúne outros acontecimentos esportivos que foram notícias na semana.

4.3.2. Globo Esporte

O Globo Esporte (GE) surgiu na programação da Globo alguns anos após o início do Esporte Espetacular. Apresentado desde 14 de agosto de 1978, o GE é exibido de segunda a sábado. Diferentemente do Esporte Espetacular, ele não possui uma única edição nacional. O conteúdo produzido pelo Globo Esporte do Rio de Janeiro é veiculado para boa parte do país, mas alguns estados possuem a programação local.

O GE foi influenciado por todo o período de reformulação do jornalismo esportivo da emissora que ocorreu na década de 80, e as matérias, que antes eram superficiais, passaram a aprofundar os conteúdos e a diversificar a programação.

Isabela Scalabrini disse em depoimento para o site Memórias Globo que “*no Globo Esporte se podia ousar. Foi uma época em que a gente começou a fazer clipe, imagens exclusivas em cima dos jogadores, música, efeitos especiais, brincadeiras, edições clipadas. O Globo Esporte da década de 1980 para a década de 1990 mudou totalmente. Ele se modernizou demais, com editores que tinham essa visão criativa, que gostavam de ousar. Foi uma mudança muito grande*”. Com o lançamento da Globo Internacional, o GE foi um dos programas da emissora a ser veiculado no exterior. Em 1999, era veiculado nos Estados Unidos, no Japão, no Chile, na Colômbia e na Argentina.

Na década de 90, o GE assumiu um formato mais parecido com o modelo atual, onde tenta fazer do esporte uma forma de entretenimento e investe na interatividade com o telespectador, da mesma forma que o Esporte Espetacular. Sendo quase sempre comandado por homens, o Globo Esporte teve por um longo período sempre mulheres à frente da apresentação do nacional. A última foi Cristiane Dias, substituída por Alex Escobar no último ano.

Distrito Federal, São Paulo, Amazonas, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Pará, Pernambuco, Bahia, Paraná, Ceará, Goiás, Santa Catarina e Maranhão são os lugares que já possuem edições locais e apresentadores distintos. Hoje, o GE nacional é apresentado por Alex Escobar. Já os programas locais contam com 31 apresentadores no total, sendo que apenas 8 são mulheres.

O Globo Esporte DF só passou a ser inteiramente local no ano de 2012. A jornalista Viviane Costa assumiu a apresentação do programa ao lado de Gabriel Ramos. Em 2013, passou a apresentar sozinha e ainda permanece a frente da atração.

5. ANÁLISE DE DISCURSO APRESENTADO NOS DOIS PROGRAMAS

A análise de discurso francesa, defendida por Michael Foucault, aborda a importância da linguagem além do código. Diferentemente do que possamos pensar automaticamente, a linguagem não é formada apenas por palavras aprendidas ou decoradas e repassadas. Dentro da sua formação está todo um contexto social e histórico que varia entre os grupos de uma sociedade.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2012, p. 10).

São essas influências culturais e históricas presentes nos discursos que definem o homem quanto a sua personalidade e as suas ações. Para Foucault (2012), as informações e sínteses que nos atingem não devem ser tratadas automaticamente como questões comuns. Isso não quer dizer que as falas devem ser ignoradas, mas sim que é cada vez mais necessário sempre buscar entender o que realmente está sendo dito, afinal, nunca se sabe as influências que estão presentes em um discurso, conjunto de diversos elementos conectados entre si de modo complexo.

5.1. O PODER DE PENETRAÇÃO DO DISCURSO INSTITUCIONAL DA REDE GLOBO COMO UM TODO

A escolha do Esporte Espetacular e do Globo Esporte – DF foi motivada pela importância e influência da emissora no contexto histórico e social. Produzindo conteúdo para os diversos lares brasileiros desde 1965, a Globo já alcançou seus milhões de telespectadores não só no Brasil, mas no mundo.

A Globo é atualmente o mais relevante canal de televisão do país e exerce grande importância no cenário social. A emissora é um dos meios com maior responsabilidade para pautar o cidadão que escolhe acompanhar as informações do Jornal Nacional, se distrair com as novelas ou programas diários, vibrar com as coberturas esportivas, opinar, discordar e, até mesmo, debater sobre a forma que as coisas são feitas ou ditas. Tem quem gosta e também quem não concorda com a linha editorial ou linguagem utilizada pelas produções e profissionais da Rede Globo.

Mas, pelo sim ou pelo não, a audiência da maior parte da sociedade é destinada a ela. Hoje, mesmo quando ninguém está assistindo ao que passa na TV, se ela estiver ligada, provavelmente vai estar na Globo, que hoje talvez tenha menor audiência devido ao advento dos canais por assinatura, mas, visto que essa não é a realidade de grande parte da população, ela permanece como a emissora que tem a preferência popular.

O poder tecnológico e de produção de conteúdo da Rede Globo permite atrair diariamente a atenção de milhares de brasileiros para abordar temas dos mais diversos, e nichos como educação, saúde e cidadania constroem a sua responsabilidade social. Falar sobre esses assuntos em sua programação, seja nos programas reais ou nas produções ficcionais, faz com que essa empresa de comunicação assuma uma função ainda mais importante do que apenas comunicar.

5.2. O GÊNERO COMO ELEMENTO DISCURSIVO NA GRADE DE PROGRAMAÇÃO

Pensando nessas ações e na responsabilidade social, a discussão de gênero e a presença feminina também precisam compor os discursos da emissora. Portanto, inserir mulheres e outros ícones da discussão de gênero em lugares onde a participação deles já foi renegada é uma forma de contribuir para a evolução da sociedade e, conseqüentemente, incluir uma parcela da sociedade em um novo ambiente, já que essa inserção não atinge apenas as profissionais que ali realizam seus trabalhos, impactando sobre o imaginário social dos telespectadores e suas redes pessoais.

Em novelas, seriados, programas de auditório, essas discussões de gênero já impactam há algum tempo, e os programas esportivos, um dos nichos bastante significativos da programação, acompanham essa tendência:

A participação da mulher jornalista em programas esportivos aproxima as mulheres ao esporte. Se as diferenças entre os homens e as mulheres são socialmente construídas, a presença do sexo feminino em programas televisivos acrescenta na identificação da mulher em um meio considerado masculino. (BAGGIO,2012, p.18).

As profissionais que estão inseridas no meio esportivo sofrem em geral muita discriminação tanto pelos colegas de profissão, quanto, principalmente, pelo público,

embora o julgamento das pessoas em relação ao gênero determinar o que a pessoa sabe ou pode fazer seja já um modelo teoricamente ultrapassado. Da mesma maneira que existem mulheres que falam sobre esporte, está cada vez mais comum a presença de homens em programas culinários, que, também por questões históricas e sociais, é tido como ambiente originalmente feminino.

O estereótipo é um dos grandes desafios enfrentados por toda a sociedade. As determinações de como deve ser feito, o que deve ser vestido e como deve ser falado, muitas vezes inibem as pessoas de agirem conforme suas vontades. E a mulher sempre esteve refém desses julgamentos de maneira mais intensa.

Na maioria dos lares, é comum ouvir que tem que vestir tal roupa e fazer as coisas de tal maneira para casar, porque “homem não gosta de mulher atirada”, “tem que se dar valor”. A ideia de submissão de toda uma cultura patriarcal ainda é presente nos dias atuais, mesmo que de maneira mais velada. Se a mulher não for aquela dona de casa, esposa e mãe exemplar, ela é encaixada automaticamente no estereótipo de “puta”. Mas com o mundo que temos hoje, cheio de mulheres independentes, donas de si e da própria vida, essas determinações parecem cada vez mais absurdas.

A presença feminina no cenário mais voltado para o público masculino levanta diversas dúvidas e afirmações. “Qual a roupa que tem que vestir?” “Ela é capaz de opinar sobre isso?” “Tem que ser bonita para aparecer na TV”, são algumas delas. Portanto, a análise de dois programas distintos e com formatos diferentes tem a intenção de encontrar possíveis respostas para essas questões.

5.3. O DISCURSO MIDIÁTICO DOS PROGRAMAS ESCOLHIDOS

O Esporte Espetacular (EE) e o Globo Esporte (GE) – DF são programas de formatos bem diferentes, a começar pelo fato de um ser semanal e o outro diário, o que já faz com que as matérias de um sejam maiores e mais profundas que do outro. A dinâmica de apresentação também é diferente, já que o primeiro é apresentado por um casal e o segundo é apresentado apenas por uma pessoa. Outras questões como cenário e interatividade também diferem os programas, sendo o EE um ambiente com maior tecnologia e aparatos cênicos, enquanto o GE possui um cenário mais simples.

No Esporte Espetacular, Fernanda Gentil apresenta ao lado de Felipe Andreoli. A jornalista, que ficou bastante conhecida a partir da cobertura da Copa das Confederações de 2013, é marcada pelo bom humor e irreverência. Desde sua chegada às telas da TV Globo, Gentil colaborou para que a discussão sobre a mulher nesse âmbito fosse afluída, e diria que isso pode ter ligação com o seu profissionalismo.

Em frente às câmeras, ela está sempre muito à vontade e se permite fugir do script em boa parte dos momentos. Aparentemente, causa a impressão de que tem liberdade para ousar e dar suas características pessoais ao programa.

Mesmo dividindo a apresentação, Fernanda Gentil rouba a cena e age como se fosse tudo uma grande brincadeira, demonstrando domínio de todos os assuntos, além de segurança para os momentos que está com Andreoli e, principalmente, sozinha. As notícias são bem divididas e quase sempre a profissional assume as principais.

Atualmente, Fernanda Gentil é um dos nomes femininos mais relevantes no jornalismo esportivo. Com aproximadamente 4 milhões de seguidores na rede social Instagram, a moça caiu nas graças do público e vem reforçando a ideia de que a mulher pode ser tão profissional quanto qualquer homem. A jornalista viu seus seguidores crescerem de maneira acelerada em 2014, quando cobriu a Copa do Mundo. No ano do fatídico 7x1 entre Brasil e Alemanha, Gentil chegou a entrar ao vivo 17 vezes em um único dia, sendo assim presença constante para os torcedores.

A emissora sempre investiu na interação com o público e essa é uma forte característica da apresentadora, que utiliza bastante sua desenvoltura no EE. Sempre que surge um espaço, as falas de Fernanda Gentil são acompanhadas por comentários descontraídos, bom humor e sarcasmo.

Na maioria de suas apresentações, Gentil está sempre vestindo calça jeans, salto alto e blusas de cores lisas, é raro o uso de estampas ou vestidos, o que acontece geralmente em programas com uma pauta tida como especial. O cabelo sempre solto é acompanhado de maquiagem leve.

Em 2002, primeiro momento escolhido para análise, quem estava no comando do EE era Glenda Koslowski, ao lado de Tino Marcos. O programa, que passou por diversos horários, já acontecia aos domingos pela manhã, como o é nos dias de hoje. Diferente de Fernanda Gentil, Koslowski não era jornalista de formação quando entrou para o programa. A apresentadora é ex-campeã brasileira de body-boarding e, quando parou de competir, resolveu se aventurar como apresentadora, sendo um exemplo de sucesso.

O formato já começa a ser bem parecido com o que temos hoje, mas, em um primeiro momento, o que chama a atenção é a restrição quanto à evidência da vaidade feminina. Em geral, a apresentadora estava sempre de calças folgadas, tênis e praticamente sem nenhuma maquiagem.

O programa inicialmente era mais parecido com um telejornal e apresentado da bancada, exalando uma formalidade no estilo Jornal Nacional. Há 15 anos, os apresentadores ainda estavam “engessados”. Mesmo abandonando a bancada, os apresentadores, que passaram a apresentar os programas em pé, ficavam “presos” ao painel de fundo que tinha a logo do programa.

Para Glenda, o EE era como segunda casa, pois sempre participava e já tinha estado naquele lugar anteriormente como apresentadora. Ainda assim, sua movimentação restrita causa a impressão de pouca liberdade. Nas chamadas para matérias, as mais relevantes ou pautas mais interessantes para o público eram chamadas pelo homem. A profissional mais desprendida da formalidade e mais à vontade com as câmeras aparecia nas matérias externas, onde Koslowski realizava desafios esportivos e mostrava um lado mais descontraído, bem diferente do jeito contido no estúdio.

Em 2007, Luís Ernesto Lacombe e Cristiane Dias eram os novos apresentadores. Ainda muito parecido com a edição de 2002, as mudanças mais relevantes estão na qualidade de imagem e interatividade do cenário, que estava mais próxima do que é hoje, embora sem a mesma tecnologia.

Essa interação facilitada pelo próprio ambiente aproximou um pouco mais os apresentadores do público, o que gerou um ar mais descontraído para o programa. A divisão quanto às matérias começou a ser mais próxima e a troca entre os dois

apresentadores aumentou o espaço da mulher nesse contexto. As manchetes mais simples não são apresentadas apenas por Cristiane Dias, que já tem uma liberdade maior para opinar e dividir o programa com Lacombe. Uma liberdade diferente da apresentadora anterior, já que, apesar de estar mais solta dentro do estúdio, Dias não costuma realizar matérias externas, ainda mais no estilo das que eram feitas por Glenda Koslowski.

Um diferencial para o programa ainda em 2007 foi a entrada de Mylena Ciribelli. Nesse momento, o EE é revezado entre três apresentadores e, em muitas ocasiões, foi apresentado por duas mulheres. Esse tipo de formato começa a afastar a ideia de que é sempre necessário ter um homem ali, ou seja, mesmo que de maneira implícita, o discurso do programa é favorável à presença feminina independente no cenário.

O acontecimento ainda pode nos levar a repensar a mulher como vitrine de beleza. Por mais que ambas as apresentadoras sejam muito bonitas e as vestimentas estejam mais femininas com o uso de salto alto e um pouco mais de maquiagem, a ausência de um parceiro homem evidencia que as mulheres que ali estão possuem competência suficiente para comandar o programa.

A confiança maior da mulher para apresentar um programa esportivo está mais presente na volta de Glenda Koslowski, que já comandava o EE, novamente em 2012, mas dessa vez ao lado de Tande. Talvez a experiência de ter apresentado sozinha o Globo Esporte por um período tenha reafirmado seu posicionamento.

Obviamente, nesse momento, a sociedade está muito mais aberta para as discussões e presença feminina nos mais diversos cenários. Ainda não é a realidade ideal, mas cada degrau subido pela igualdade de gênero é válido.

Nessa volta da apresentadora, é possível perceber o empoderamento feminino presente na forma de se portar. O uso constante de vestidos, saltos altos e maquiagem mais forte é uma maneira de dizer que a mulher não precisa se masculinizar para falar sobre esporte.

A profissional pode se produzir, pois esporte não é “coisa de homem”. É coisa de mulher também, e isso não tem nada a ver com a maneira pela qual ela se veste, fala ou pensa. Glenda também deixa de depositar sua segurança no parceiro com

quem divide a apresentação, como acontecia em 2002, e começa a levar o programa também de maneira mais independente, o que a deixa mais solta dentro do estúdio.

Tudo o que é feito, dito ou a maneira como tudo acontece está diretamente relacionado a todas as questões históricas, culturais e sociais sobre as mulheres que já foram abordadas nesse trabalho. Quando a mulher vai ganhando seu espaço na sociedade e vai criando voz, mais forte se torna a representação dela nos grandes meios de comunicação.

O Globo Esporte (GE) é outro programa de relevância na TV Globo. Apresentado diariamente, as informações locais acabam sendo mais importantes para alimentar as pautas todos os dias. Talvez seja esse o motivo para existirem as edições locais, que atualmente totalizam 15 programas, fora a edição do Rio de Janeiro, que é veiculada para os lugares que não possuem programação própria. Ao todo são 31 apresentadores, sendo 8 mulheres.

Entre essas mulheres, está a jornalista Viviane Costa, que apresenta a edição do Distrito Federal. O programa, que teve início em 2011, possui uma pauta esportiva variada e nacional, mas, por um longo período do ano, o foco está sempre nas competições locais, como, por exemplo, o “Candagão”, o campeonato de futebol do DF.

A jornalista está no comando do programa desde a sua estreia e o fato de apresentar sozinha é um facilitador para que ela se sinta mais à vontade e segura. Mesmo que exista um formato geral para o GE, os programas são diferentes, pois tudo depende de diversas influências que estão presentes nas pessoas ou nos lugares onde cada edição acontece.

Para o DF não causa tanta estranheza a mulher falando de esporte, pois o principal programa esportivo veiculado na cidade sempre teve a figura feminina em frente às câmeras. Viviane Costa possui uma proximidade maior com o público, principalmente na apresentação das pautas locais.

Ela também chegou às telas em um momento no qual já era mais habitual a presença feminina no esporte. A própria Rede Globo valorizava há alguns anos as mulheres nesse ambiente e, por isso, apostar em uma mulher para assumir um programa local, em um mundo ainda bastante machista, foi a maneira de dizer mais

uma vez que as coisas estão mudando. A maneira de se portar é bem distante da jornalista que apresenta o Esporte Espetacular.

Enquanto Fernanda Gentil é descontraída, Viviane Costa é mais formal. A forma como ambas falam e agem também depende de diversos fatores externos que sempre estiveram presentes em suas formações como cidadãs. Tudo o que fazem hoje também pode ser reflexo da maneira como foram ensinadas a se portar desde crianças e, principalmente, da forma como aprenderam a perceber o mundo.

Todas essas conclusões são sobre o que acontece em frente às câmeras, mas a maior prova da busca ainda dura pela igualdade de gênero está nos bastidores. É como se fosse uma prova de que a mulher não está apenas sendo usada como vitrine de beleza, da mesma maneira que sua presença foi iniciada ainda no cinema, embora ainda não tenha alcançado o que se pode julgar como a posição ideal.

A influência feminina aparece nos expedientes disponibilizados pela Rede Globo no site. Em ambos os programas a edição chefe está a cargo de uma mulher, mas, apesar do cargo de chefia, elas são minoria na ficha técnica.

No Esporte Espetacular, as mulheres ocupam cargos de produtora, editora de internet, chefe de reportagem e gerente de eventos. Mas, dos 22 apresentadores que passaram pelo programa, apenas oito eram mulheres.

Já no Globo Esporte – DF, a equipe é bem menor por ser um programa local, mas a maioria dos profissionais também são homens. Além do cargo de editora chefe, as mulheres que trabalham nessa redação ocupam apenas os cargos de editoras de texto.

Representando a maioria dos profissionais de redação, segundo a pesquisa realizada pela FENAJ e citada no capítulo 2, a mulher ainda ocupa um espaço pequeno na editoria de esporte, pelo menos de acordo com a realidade dos dois programas analisados.

No Esporte Espetacular a presença feminina é inferior a 20%, já que de 41 profissionais, sete são mulheres. Enquanto isso, no Globo Esporte-DF a participação é de aproximadamente 30%, pois da equipe formada por 13 pessoas, quatro são mulheres.

O fato de mulheres ocuparem o cargo mais importante dentro da redação dos dois programas representa um avanço e reforça o discurso que a Rede Globo utiliza sobre oferecer um trabalho de qualidade. Talvez tenha sido percebido nas mulheres uma linguagem mais próxima do telespectador, já que a maioria das matérias possuem um cunho mais profundo, o que não quer dizer que homens não tenham a sensibilidade, mas é algo que parece mais próximo da mulher, até mesmo, por todas as marcas históricas e sócias que estão presentes na vida feminina em todos os setores da vida.

Tudo isso também não deixa de ser um investimento em formas de atrair um público cada vez maior, já que a população brasileira, de acordo com dados do último Censo (2010), é predominantemente feminina. Segundos dados do IBGE divulgados no G1:

A população está mais feminina. São 97.342.162 mulheres e 93.390.532 homens. As mulheres superam em mais 3,9 milhões o número de homens. Existem 95,9 homens para cada 100 mulheres. Em 2000, para cada 100 mulheres, havia 96,9 homens. Entre os municípios, o que tinha maior percentual de homens era Balbinos (SP), com 82,2%. Já o que tinha maior percentual de mulheres era Santos (SP), com 54,25%. (G1, 2010).

A participação feminina em programas que desde sempre eram pensados para o público masculino faz com que as telespectadoras se sintam mais próximas daquilo. É uma maneira de falar de forma abrangente e alcançar cada vez mais audiência. Isso não quer dizer que os reflexos históricos e culturais não estejam presentes nos discursos, mas misturar a equipe e confiar cargos altos para a mulher já são formas de valorizar o trabalho feminino e dispensar os estereótipos que podem enquadrar a mulher que assume a frente das câmeras.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, é preciso ressaltar a escassez de bibliografia que aborde o tema escolhido. Por mais que a mulher tenha conquistado todos os avanços citados na monografia, pouco foi falado a respeito da figura feminina no esporte, principalmente como profissional de comunicação dessa área.

O intuito desse estudo não foi de forma alguma vitimizar a mulher. Por mais que ela tenha sido refém da discriminação ao longo da história, existe um lado mais bonito e importante para ressaltar que é o da mulher empoderada, firme, decidida e dedicada, que pode ser a mãe de família e dona de casa listada nos livros de história e também pode ser a mulher que está em frente às câmeras falando com propriedade sobre os assuntos tidos como masculinos.

As impressões já existentes sobre a presença submissa da mulher na sociedade ficam evidenciadas ao longo de boa parte da história, mas é possível encontrar inúmeros avanços da presença feminina na sociedade, principalmente no âmbito esportivo. Todas essas mudanças possuem influência da desmistificação gradual dos estereótipos que foram impostos ao longo dos anos, afinal, ninguém é passível de caber em moldes.

Mesmo não estando em um “ideal” de sociedade igualitária, muitos direitos já foram conquistados pelo gênero feminino, sendo o principal deles a independência. Infelizmente, a mulher do século XXI ainda esbarra com muitos desafios, alguns diários, outros nem tanto, mas a maioria é recorrente no âmbito profissional, principalmente no espaço que ainda é predominantemente masculino.

Felizmente, as conquistas são superiores a essas dificuldades. A mulher do mundo atual ainda é um pouco a mesma de séculos atrás, devido a todas as marcas que foram deixadas ao longo da história e contribuíram para a construção da identidade feminina. Mas, apesar disso, aqui não cabe uma definição de “coitadinha” para a mulher, pelo contrário, a figura feminina pode representar vaidade, beleza e sensibilidade, mas também é sinônimo de força e competência.

As influências presentes na história da mulher nunca foram esquecidas, mas aos poucos vão sendo substituídas por influências mais positivas. Dizer que o esporte

é coisa de homem já não é mais aceitável e a presença de mulheres nesse cenário reforça cada vez mais as conquistas femininas.

Quanto aos programas e suas respectivas apresentadoras, os desafios parecem maiores para a mulher que está no Esporte Espetacular, por toda a questão do alcance nacional, amplitude do programa, divisão de apresentação com um homem e, principalmente, as matérias mais aprofundadas. No Globo Esporte – DF, a profissional que está sozinha na tela tem um espaço aparentemente mais seu e, por estar no comando desde o início, faz parte de uma única realidade já conhecida por aquele grupo de telespectador.

Dentro do jornalismo da Globo, a figura feminina ocupa um espaço relativamente reconhecido. As mulheres que comandam as atrações inserem muito de suas características pessoais no discurso apresentado pelos programas, já que são elas as responsáveis por conduzir e garantir que as informações cheguem da melhor maneira para o público.

Apesar de serem mulheres jovens e bonitas, esses não são predicados absolutos para que as apresentadoras estejam nesse lugar. O trabalho exige muito dos profissionais por permear mais pela linha do entretenimento e ser um “respiro” em meio a tantas notícias complicadas que estão sendo dadas pelos noticiários. É por isso, que muito além da boa aparência, o trabalho executado pelas apresentadoras é item indispensável para que esse espaço seja cada vez mais também das mulheres.

A beleza, o charme e a maneira de se vestir não deixam de ser atrativos para que a presença da mulher permaneça nas telas em geral, mas, se não houver maestria e êxito no trabalho, não há motivos para uma empresa insistir apenas para preencher uma vitrine. A competência garante a permanência em frente às câmeras por longo tempo e a evolução social permite que elas “tomem conta do pedaço”.

Não se quer, com isso, dizer que está tudo bem, pois, os baixos números de mulheres na redação esportiva, revelam que ainda falta algo para que a igualdade exista nesse âmbito. Contudo, em um comparativo com o início de tudo, o lugar ocupado hoje pela profissional, a maneira com que ela se porta, o público que alcança e a competência com que exerce seus trabalhos são coisas realmente admiráveis.

Pelo poder de penetração do discurso da emissora Globo no imaginário social do Brasil, todas as ações que esta realizar para minimizar/eliminar as diferenças negativas de gênero com certeza têm grande chance de impactar positivamente nesse contexto, contribuindo para a representatividade da figura feminina nas telas televisivas de nosso país.

Esporte não é coisa de homem, é coisa de todo mundo que se interessa, aprecia, torce, trabalha. Esporte é para quem quer, e falar de esporte é para quem sabe fazer, independentemente de gênero, idade ou qualquer outro critério aparente.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRINO, Viviane Aparecida. **A mulher no jornalismo esportivo: Análise da participação feminina no telejornalismo brasileiro**. 2011. 64 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Faculdade Cristo Rei, Cornélio Procópio, PR, 2011. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000951.pdf>>. Acesso em: 16 de novembro de 2016.
- ALVES, Paula; ALVES, José Eustáquio Diniz; SILVA, Denise Britz do Nascimento. **Presença feminina no cinema brasileiro - por que estamos tão longe?** In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE E PRÉ-ALAS BRASIL, 15. 2012, Teresina, PI. **Anais**. Teresina: Ciso, 2012. P. 1 - 20. Disponível em: <<http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT29-12.pdf>>. Acesso em: 12 de outubro de 2017.
- ANCINE. **Participação feminina na produção audiovisual brasileira** 2016. Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual. Disponível em: <<https://oca.ancine.gov.br/participa%C3%A7%C3%A3o-feminina-naprodu%C3%A7%C3%A3o-audiovisual-brasileira-2016>> Acesso em: 29 de agosto de 2017.
- BAESSO, Giulia Prata. **A Ascensão da Mulher no Telejornalismo Esportivo: Análise da Atuação da Jornalista Fernanda Gentil no Programa Esporte Espetacular da TV Globo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40. 2017, Curitiba, PR. **Anais**. Curitiba: Intercom, 2017. P. 1 - 12. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-21401.pdf>>. Acesso em: 15 de outubro 2017.
- BAGGIO, Luana Maia. **Representação da mulher no telejornalismo esportivo: A atuação da jornalista Renata Fan no programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes**. 2012. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS, 2012. Disponível em: <<https://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/representac3a7c3a3o-da-mulher-notelejornalismo-esportivo-a-atuac3a7c3a3o-da-jornalista-renata-fan-no-programajogo-aberto-da-tv-bandeirantes.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.
- BASEGGIO, Julia Knapp; SILVA, Lisa Fernanda Meyer da. **As condições femininas no Brasil Colonial**. Revista Maiêutica, Indaial, v. 3, n. 1, p. 19-30, 2015. Acesso 22 de março de 2017.
- BBC BRASIL. **Arábia saudita permite mulheres frequentar arenas esportivas**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41801859>>. Acesso em: 02 de novembro de 2017.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BERGAMO, Alexandre; MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, 2013. Disponível em:

<<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>
> Acesso em 16 de novembro de 2016.

BLOG DO MÉLIUZ. **Mulheres no esporte: história de vitoriosas**. Disponível em: <<https://www.meliuz.com.br/blog/mulheres-esportes/>>. Acesso em: 23 de agosto de 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Decreto nº 21.417, de 17 de maio de 1932**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto21417-17-maio-1932-559563-publicacaooriginal-81852-pe.html>>. Acesso em: 26 de outubro de 2017.

BRAVO, Débora Vasconcellos Tavares. **Elas assumiram o comando: As mulheres jornalistas no mundo do telejornalismo esportivo**. 2009. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/8338445/DÉBORA_VASCONCELLOS_TAVARES_BRAVO>. Acesso em: 24 de abril de 2017.

BRUSCHINI, Cristina. **O Trabalho da Mulher no Brasil. tendências recentes**. In: SAFFIOTI, H; MUNHOZ-VARGAS, Monica (org.) *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CASADEI, Eliza Bachega. A INSERÇÃO DAS MULHERES NO JORNALISMO E A IMPRENSA ALTERNATIVA: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DO FINAL DO SÉCULO XIX. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 01, n. 03, p.01-10, jan./jun. 2011. Disponível em: <[file:///C:/Users/Bárbara/Downloads/88218-125032-1-PB \(2\).pdf](file:///C:/Users/Bárbara/Downloads/88218-125032-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 18 de setembro de 2017

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

FELDMANN, Anna Flávia. **Mulheres no Universo Midiático: meios de comunicação e equidade de gênero**. 2009. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32. 2009, Curitiba, PR. **Papers**. Curitiba: Intercom, 2009. P.1 – 16. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3395-1.pdf>>. Acesso em: 18 de outubro de 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREIRE, Isabela de Almeida. **O debate televisivo como estratégia de formação da nova identidade feminina: uma análise do programa Saia Justa**. 2014. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Bárbara/Downloads/ISABELA FREIRE - O DEBATE TELEVISIVO COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO DA NOVA IDENTIDADE FEMININA.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2017.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Almiralva Ferraz. O OUTRO NO TRABALHO: MULHER E GESTÃO. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 12, n. 3, p.1-9, jul./set. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rege/article/viewFile/36522/39243>>. Acesso em: 04 de outubro de 2017.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila; MICELI, Sergio. **Estudos de gênero no Brasil. O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**, ANPOCS/CAPES. São Paulo: Sumaré, p. 183-221, 1999.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: 28 de setembro de 2017

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **World employment social outlook trends for women 2017**. Geneva: ILO, 2017. Disponível em: <http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/--inst/documents/publication/wcms_557245.pdf>. Acesso em: 04 de outubro de 2017.

LACERDA, Marina Basso. As mulheres no Brasil Colonial. **Colonização dos corpos: Ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 25-63, 2010. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/16570/16570_4.PDF> Acesso em 13 de maio de 2017.

LAJOLO, Mariane; CONDE, Paulo Roberto. **Potências olímpicas têm maior participação feminina na Rio-2016**. Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1797479-potenciasolimpicas-tem-maior-participacao-feminina-na-rio-2016.shtml>>. Acesso em: 25 de outubro de 2017.

LEITE, Christina Larroudé de Paula. **Mulheres: muito além do teto de vidro**. São Paulo: Atlas, 1994.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 1994.

MEMÓRIA GLOBO. **Esporte Espetacular**. Disponível em:

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globoesporte.htm>>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

MEMÓRIA GLOBO. **Globo Esporte**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globoesporte.htm>>. Acesso em: 30 de agosto de 2017.

MULVEY, Laura. Prazer Visual e Cinema Narrativo. Tradução João Luiz Vieira. In: XAVIER, Ismail (org). **A Experiência do Cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

MUNIZ, Danilo Dias; BACHA, Felipe Barcellos; PINTO, Julia Massini. **Participação Feminina no Mercado de Trabalho**. Rev. Científica Eletrônica UNISEB, Ribeirão Preto, v. 6, n. 6, p. 82-97, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://estaciორibeirao.com.br/revistacientifica/arquivos/revista6/7.pdf>>. Acesso em: 27 de setembro de 2017.

NEVES, Lídia. **Desigualdade entre homens e mulheres aumenta; brasil cai 11 posições em ranking**. Agência Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-11/desigualdadeglobal-entre-homens-e-mulheres-aumenta-apos-10-anos-de>>. Acesso em: 03 de novembro de 2017.

NUNES, Dimalice. **Maior participação feminina no mercado de trabalho injetaria 382 bilhões de reais na economia**. Carta Capital. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/maior-participacao-feminina-nomercado-de-trabalho-injetaria-382-bilhoes-de-reais-na-economia>>. Acesso em: 11 de outubro de 2017.

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E. H. L.; TUBINO, M. J. G. **A inserção histórica da mulher no esporte**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v.16, n.2, p. 117125, 2008. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/1133/884>>. Acesso em: 25 de outubro de 2017.

PERISSÊ, Juliana. **Mulheres no jornalismo: um espaço conquistado**. Facto Agência. Disponível em: <<https://factoagencia.wordpress.com/2013/04/22/mulheresno-jornalismo-um-espaco-conquistado/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2017.

PROBST, Elisiana Renata. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. 2005. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 22 de outubro de 2017.

RAMOS, Emerson Erivan de Araújo. **Imagem da mulher na mídia e direito à comunicação: reflexões a partir da reprodução dos estereótipos de gênero**. 2010. Disponível em: <<http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=ad790ea10ae2aeda>>. Acesso em: 18 de outubro de 2017.

RIGHI, Anelise Farençena. **As donas da bola – inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo televisivo**. 2006. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS, 2006. Disponível em: < <https://lapeccjor.files.wordpress.com/2011/04/aneliserighi.pdf> > Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

SILVA, Susana Maria Veleda da. **Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações**. 2000. Disponível em < <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-262.htm> > Acesso em 29 de março de 2017.

SOUSA, Camila Stephane Cardoso. **Gênero e construção de identidade de mulheres jornalistas**. 2010. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, CE, 2010. Disponível em: < http://web.fa7.edu.br/recursos/imagens/File/jornalismo/monografia/2010/CAMILA_STEPHANE.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2017.

UOL. **Pioneira no esporte, jornalista lembra preconceito e briga com Milton Neves**. Disponível em: < <https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/10/07/pioneira-no-esportejornalista-lembra-preconceito-e-briga-com-milton-neves/> > Acesso em: 16 de janeiro de 2017.

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. **Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica**. São Paulo: EPU, 2001.

WENTZEL, Mariana. **Brasil levará 95 anos para alcançar igualdade de gênero, diz Fórum Econômico Mundial**. BBC. Disponível em: < <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37758080> > Acesso em: 22 de abril de 2017.

ANEXO A

Como mais mulheres no mercado de trabalho eleva o PIB

Projeções para 2017				Redução de até 25% na diferença entre gêneros o mercado de trabalho até 2025		
Participação no mercado de trabalho				Mão-de-obra adicional	Participação no mercado de trabalho	
Região/ País	Homem (%)	Mulheres (%)	Diferença (pontos percentuais)	Milhões	%	em U\$ Bilhões
Brasil	78,2	56,0	22,1	5,1	3,3	116,7
Mundo	76,1	49,4	26,7	203,9	3,9	5,767

Fonte: OIT

ANEXO B

Participação feminina por ano em Jogos Olímpicos, segundo levantamento do Comitê Olímpico Internacional (COI)

Competições	Número de mulheres	Porcentagem (%)
1896 – Atenas	0	0
1900 – Paris	22	2,2
1904 – St. Louis	6	0,9
1908 – Londres	37	1,8
1912 – Estocolmo	48	2
1920 – Antuérpia	63	2,40
1924 – Paris	135	4,4
1928 – Amsterdã	277	9,60
1896 – Atenas	0	0
1900 – Paris	22	2,2
1904 – St. Louis	6	0,9
1908 – Londres	37	1,8
1912 – Estocolmo	48	2
1920 – Antuérpia	63	2,40
1924 – Paris	135	4,4
1928 – Amsterdã	277	9,60
1932 – Los Angeles	126	9
1936 – Berlim	331	8,3
1948 – Londres	390	9,5
1952 – Helsinque	519	10,5
1956 – Melbourne	376	13,3
1960 – Roma	611	11,4
1964 – Tóquio	678	13,20

1968 – Cidade do México	781	14,20
Competições	Número de mulheres	Porcentagem (%)
1972 – Munique	1.059	14,60
1976 - Montreal	1.260	20,70
1980 – Moscou	1.115	21,5
1984 – Los Angeles	1.566	23
1988 – Seul	2.194	26,1
1992 – Barcelona	2.704	28,8
1996 – Atlanta	3.512	34
2000 – Sydney	4.069	38,2
2004 – Atenas	4.329	40,7
2008 – Pequim	4.637	42,40
2012 – Londres	4.676	44,2
2016 – Rio de Janeiro	5.185	45,2

Fonte: Folha de S.Paulo com informações do Comitê Olímpico Internacional.